

UALG

zine

O meio universitário poderá
ser um local de troca e de
partilha de experiências,
dentro da escola de arte e
com outros departamentos
também, poderá ser o local
onde se estabelecem pontes
entre os vários campos do
saber: artes,
ciências, humanidades,
etc.

Rui Sanches



UALg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE



João Guerreiro

REITOR DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

EDITORIAL

Ficha Técnica

Título

UALGzine, Revista da Universidade do Algarve

Propriedade

Universidade do Algarve

Director

João Guerreiro

Edição

Gabinete de Comunicação da UAlg

Conselho Editorial

Pedro Ferré
Filipa Cerol Martins
Laura Alves

Consultores

Alexandre Barata
Mirian Tavares

Redacção

Filipa Cerol Martins
Laura Alves

Capa

Costa Pinheiro
La Fenêtre de ma tête (Medimagnativo), 1983
Crédito da Imagem: Jorge Coelho

Design / Paginação

YOUmix

Fotografia

Fernando Amaro
Gabinete de Comunicação da UAlg

Impressão

Gráfica Comercial

ISSN

1646-639X

Nº de depósito legal

251786/06

Tiragem

6000 exemplares

E-mail: UALGzine@ualg.pt

Edição electrónica em <http://publicacoes.ualg.pt/UALGzine>

Ficha de subscrição em <http://publicacoes.ualg.pt/UALGzine>

Informação relativa ao Meio Ambiente

A pasta utilizada no fabrico do papel desta revista é branqueada sem gás de cloro e é proveniente de madeira renovada através de um processo perfeitamente sustentado. Este papel é indicado para reciclagem.

Apoio



Um novo número da revista da Universidade do Algarve é dado à estampa. Desta vez destina-se a revelar uma faceta pouco divulgada desta Universidade: as actividades relacionadas com as artes.

A valorização do ensino das artes, na Universidade do Algarve, é recente. A par da abordagem de certas matérias em cursos de fronteira, algumas das actuais opções apareceram apenas nos últimos dez anos. E constituem, já hoje, um pilar considerado fundamental para o desenvolvimento da Universidade.

O crescimento do ensino das artes beneficiou de diversos parâmetros. O aumento dos jovens que, ao nível do ensino secundário, abraçam as opções artísticas reflectiu-se no número de candidatos que procuram entrar na Universidade. A afirmação de um ambiente de criação e de reflexão, que decorre da expansão do meio urbano no Algarve, gera igualmente exigências que reforçam aquelas tendências. Finalmente a atracção que o Algarve exerce sobre artistas e agentes culturais, no sentido da sua radicação nesta região e do benefício que retiram das condições locais de qualidade de vida que ainda podem ser desfrutadas, é responsável, simultaneamente, por um movimento que reforça a teia densa de pesquisas, contactos, influências e práticas, propicia à criação artística.

E a Universidade não se alheou deste movimento.

A Universidade procurou, paralelamente, a colaboração de individualidades de referência no meio artístico, associando-os aos diversos níveis de intervenção das áreas de ensino.

O resultado desta estratégia, ainda no seu início, terá consequências decisivas em dois patamares. O primeiro diz respeito às dinâmicas internas. Uma Universidade só consegue assumir-se como tal se conseguir adoptar no seu interior uma diversidade de áreas de ensino que assegurem uma permeabilidade científica e tecnológica fecunda. As universidades especializadas (conceito que é simultaneamente um contra-senso) rapidamente se transformam em instrumentos mecânicos, absorvidas pelas rotinas e sem capacidade de integração inovadora. Esta a razão do incentivo, transmitido aos estudantes, para que seleccionem percursos escolares sinuosos e incorporem nos seus *curricula*, para além do corpo básico das opções que abraçam, um lote de matérias que complementem as respectivas formações.

O segundo patamar incide num maior relacionamento com a Comunidade. Este aspecto tem sido desenvolvido nos últimos anos através de mostras públicas, de propostas de intervenções urbanas, de respostas entusiasmantes a desafios colectivos e até de colaborações em alguns projectos empresariais com âmbito diverso. Esta imersão no espaço público, associada a um saudável e fomentado atrevimento, permite antecipar um papel relevante que as artes desempenharão na indispensável aproximação da Universidade à Comunidade.



:: ÍNDICE

:: Em reflexão

:: Em destaque

:: Actualidade

:: Interação

:: Outras vozes

com
a comunidade

2

O que é a arte hoje ou o papel
das vanguardas na desestabilização
dos conceitos

6

Entrevista com Costa Pinheiro,
Miguel Soares, Rui Sanches
e Xana

12
21
22

Academia
Ciência e Investigação
Publicações

24

26

27
27
27

Filmes animados realizados por crianças:
motivação, literacia e criatividade na sala de aula
Curso de Design de Comunicação “cria sorrisos”
no Hospital Central de Faro
Grupo de Teatro A PESTE apresenta-se no Algarve
Jazz e música erudita na Semana Aberta da UAlg
15 anos do Curso de Design de Comunicação

29
31

Algarve: no centro e na periferia
E depois da Universidade?

O QUE É A ARTE HOJE OU O PAPEL DAS VANGUARDAS NA DESESTABILIZAÇÃO DOS CONCEITOS



Mirian Tavares

PROFESSORA AUXILIAR - FACULDADE DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

O que é o tempo? Se não me
perguntam eu sei. Se me perguntam
não sei. Dizia Santo Agostinho
acerca desta entidade tão inefável
e difícil de se definir. Ouso agora
parafraseá-lo ao dizer o mesmo
sobre a arte: se me perguntam,
não sei. Houve um tempo em que
não era tão complicado assim: a
arte e a beleza andavam de mãos
dadas. Tudo estava prescrito nas
obras de filósofos e arquitectos. Por
melhor que fosse o artista não havia
confusões entre arte e realidade,
a primeira era sempre vista como
imitação da segunda.

Houve ainda um momento em que a realidade deixou de ser a referência e a arte passou a olhar para o seu próprio umbigo: *Ceci n'est pas une pipe*. Um quadro de um cachimbo era sempre um quadro, uma representação, o artista compreendia que o seu papel, enquanto demiurgo, era criar uma outra natureza que não se confundia com a realidade mesma. Era possível também reconhecer a arte através dos materiais utilizados, dos espaços de exposição, dos modelos que apareciam nos livros e dos tratados de estética que mostravam alguns caminhos. Havia sempre a possibilidade de algumas obras serem mais apreciadas do que outras, mas não havia dúvidas: estava-se diante de uma obra de arte! Hoje não é possível ter tanta certeza. A arte saiu dos espaços por onde andou confinada e espalhou-se pelas ruas, a beleza há muito que deixou de ser um pré-requisito básico para qualquer criação artística e o conceito de arte como choque já não faz sentido numa época em que a televisão promove uma contínua imersão no absurdo do quotidiano. E é por esta e outras razões que seguimos perguntando: o que é a arte afinal? E, quando começaram a surgir tantas dúvidas?

As vanguardas históricas são, indubitavelmente, as maiores culpadas da confusão que se instalou no campo das artes. Foram elas, através do seu desespero iconoclasta, que deitaram por terra as certezas que ainda tínhamos acerca da arte, da realidade, do papel do artista e da sua função. O século XX aparece no horizonte carregado de tensões: políticas, sociais, culturais e artísticas. A ideia

de modernidade é não só uma das principais fontes de tais tensões, como ainda perpassa todas as questões que vão surgindo no horizonte das artes. O Homem já reconheceu que o tempo corria muito depressa e que era uma fonte de constantes mudanças. A cada dia a novidade era servida como prato principal, ocupando o lugar de conceitos agora fora de moda: a estabilidade e a permanência. A novidade é fruto de uma profunda modificação da visão do mundo, cristalizada a partir de constantes relativizações na relação entre o homem e a sua apreensão da realidade. Mesmo que suas raízes estivessem fincadas no séc. XIX, o limiar do novo século apresenta ao mundo um outro homem, construído de fragmentos e espelhos, o homem das passagens de Paris, como descreveu Baudelaire, o homem das imagens fotográficas e cinematográficas, um novo homem com outra percepção do mundo.

É preciso, antes de mais nada, termos consciência de que a arte absorve o sentido do tempo e acaba por realizá-lo em palavras e/ou imagens. Apesar de apontar para o futuro, os artistas reflectem as descobertas e visões de seu próprio tempo – *A dança*, de Matisse, por exemplo, pode ser vista como uma paródia do conceito de espaço que surge no Renascimento (a maneira de representar o espaço na Idade Média já não traduzia os anseios do Homem da Renascença, era necessário pois, superá-la). A perspectiva renascentista vai perdurar até à nossa era e, já no início do século XX, vai ser, de muitas maneiras, superada, desmontada e

destruída. A imagem do universo de Matisse consegue, simultaneamente, actualizar a representação do espaço da Renascença e propor alegremente a sua destruição. Conforme Francastel:

“O espaço aparece dotado de novas qualidades: extensão ponderal, plasticidade, indeterminação dos limites. Desta vez, estamos nitidamente fora das hipóteses fundamentais do século passado. Mais uma vez, constatamos que a arte moderna retorna a fontes permanentes da visão para elaborar novos sistemas ilusionistas.”

A nova arte nasce para responder ao apelo do *novo* homem e de uma outra consciência espacio-temporal. Quando Matisse pinta *A dança*, estamos em 1909, dois anos depois de *Les demoiselles d'Avignon*, de Picasso, obra que, segundo Lièvre-Crosson, já deitara por terra: “(...) quatre siècles de tradition picturale.” O que os artistas das vanguardas pretendiam era, antes de mais nada, estilizar as formas de expressão até então conhecidas e, através de suas criações, expressar a angústia de um tempo que se iniciava sob os escombros da I Guerra Mundial, guerra na qual eles não queriam participar. Eram desertores de uma batalha que não reconheciam como deles. A sua luta só fazia sentido no campo das ideias e as suas batalhas aconteciam nos centros das principais cidades europeias. (É interessante observar que o termo *avant-garde* tem origens militares e que a duração dos movimentos está compreendida no período anterior e imediatamente posterior às duas Grandes Guerras).

Vários foram os movimentos de vanguarda e, facilmente, recorrendo a qualquer enciclopédia, conseguimos enumerar as suas semelhanças e diferenças. E as diferenças são muitas. Porém havia algo que todos tinham em comum: a tentativa de responder a algumas questões que,

naquele momento, se impunham: qual seria a nova concepção do Homem e da História? Qual seria a melhor maneira de abrir os olhos do mundo confrontado diariamente com a miséria e a destruição? Como conviver com a nova realidade tecnológica que se afigurava? Como lidar com as máquinas, objectos paradoxais, capazes de provocar fascínio e terror e que, por todo o lado, apareciam como as legítimas intermediárias entre o homem e o mundo?

O papel fundamental das vanguardas foi o de ajudar a construir um novo olhar, transformar a percepção, lançar a todos num espaço novo com novos pontos de vista. Segundo Ortega y Gasset: “Para ver un objeto tenemos que acomodar de una cierta manera nuestro aparato ocular. Si nuestra acomodación visual es inadecuada no veremos el objeto o lo veremos mal.” O deslocamento do olhar seria um regresso à própria arte, fugindo, desta maneira, da necessidade intrínseca que certas correntes artísticas sentiam de reproduzir o mundo. A arte como espelho não tinha interesse algum. Os artistas não desejavam que o público se identificasse com aquilo que estava a ser feito, pelo contrário, preferiam provocar o desassossego através do estranhamento. Decifra-me ou devoro-te, diziam os objectos criados por aqueles que buscavam, através da arte, instaurar um desvio no texto da vida.

Falar das vanguardas do início do século é, também, falar da crise da cultura provocada por questões que vão desde a religião à ciência, passando, é claro, pelas artes. O processo de dessacralização do mundo, da quebra dos mitos e da liquidação do Estado divino suscita uma reacção por parte dos mesmos que ajudaram a promover esta derrocada: “Com os destroços do mito, que são os destroços de Deus, a burguesia esforça-se por fundar uma nova unidade que transcenda, resolvendo-as pelo

poder da ilusão, as separações e as contradições que os homens privados da religião (no sentido do «que *liga* colectivamente a Deus») ressentem em si e entre si.” Era preciso pois, subsumir uma outra unidade que substituísse magicamente a *unidade* perdida. A cultura adquire aqui um papel fundamental, como sustentáculo de uma ideologia do espectacular, capaz de reproduzir o sentido do *uno*.

Para Walter Benjamin, os grandes períodos históricos são capazes de provocar a reorganização no nosso modo de perceber o mundo. A era da reprodutibilidade técnica obriga-nos a mudar a nossa maneira de fruir os objectos artísticos – saímos de uma relação de contemplação para uma relação de choque. As vanguardas não buscam a aceitação ou a compreensão, pois sabem que concorrem com algo – a guerra – mais grandioso a sua volta, o que procuram é retirar a arte de um quotidiano sufocante, para torná-la, de facto, partícipe de seu próprio tempo, simultaneamente traduzindo-o e antecipando o porvir. A arte distancia-se da natureza e cria uma outra realidade. O modelo da perspectiva, adoptado pelo Renascimento, passa a pertencer às objectivas das câmaras fotográficas e cinematográficas o que liberta as artes plásticas do lastro da tradição mimética, dando-lhes agora a possibilidade de se tornarem efectivamente *plásticas*, moldáveis, anamórficas, aproximando-se, cada vez mais, da poesia. “A arte pós-impressionista não pode mais ser considerada, em qualquer sentido, uma reprodução da natureza; sua relação com a natureza é de violação. Podemos falar, no máximo, de uma espécie de naturalismo mágico, da produção de objectos que existem a par da realidade mas não desejam tomar o lugar desta.”

Ao renunciar à reprodução do mundo, as vanguardas renunciam também aos conceitos que guiavam até então a criação de um objecto

artístico. A noção de belo, presente nas obras de arte e nos estudos que as acompanham ao longo dos séculos, perdeu completamente o sentido. Segundo Hauser, a arte moderna é “fundamentalmente uma arte «feia»”, que não busca o deleite, mas privilegia o intelecto, renunciando ao hedonismo e aos excessos sentimentais cometidos por alguns dos seus artífices do passado.

Se os cubistas inauguraram um novo tempo, deixando para trás *quatre siècles de tradition picturale*, os dadaístas deram-lhe o mote: romperam, de maneira brutal, com a tradição artística oitocentista. Criado em plena guerra o dadaísmo foi, dentre os movimentos, aquele que incorporou de forma mais intensa o sentimento geral de derrota presente nos meios intelectuais. Por isso, na sua génese já estava contida a sua destruição: um sentimento negativo do mundo, da criação e da própria arte. Ao fazer explodir as formas de representação, ao destruir as fronteiras entre a arte e a não-arte, ao negar o próprio processo de criação artística e fugir do reconhecimento público, não lhes restou outra saída senão o *suicídio*. Para permanecer fiel ao seu espírito o dadaísmo, à partida, já estava condenado à morte.

Através da análise do fim do século XIX, René Huyghe mostra-nos o caminho inexorável que os artistas acabarão por trilhar no século XX. Um caminho que reflecte a incomunicabilidade e o declínio, não só da civilização ocidental, mas do próprio conceito de civilização. A opção pelo não figurativo na arte nada mais é que uma tentativa de escapar dos “sobejos do mundo visível”, e mesmo quando nos deparamos com a arquitectura sóbria de um Giorgio De Chirico, não nos devemos deixar iludir. A presença do mundo conhecido e reconhecível na obra de De Chirico faz parte de um

jogo: o que vemos na tela são formas que já não significam nada e que estão ali com o objectivo de provocar um profundo mal-estar. São estruturas obsessivas que excluem qualquer possibilidade de vida, são manequins e autómatos que actualizam o pesadelo de Goya. Os monstros gerados pela arte irão cada vez mais levar-nos a uma descida às trevas que pairam sobre a civilização europeia.

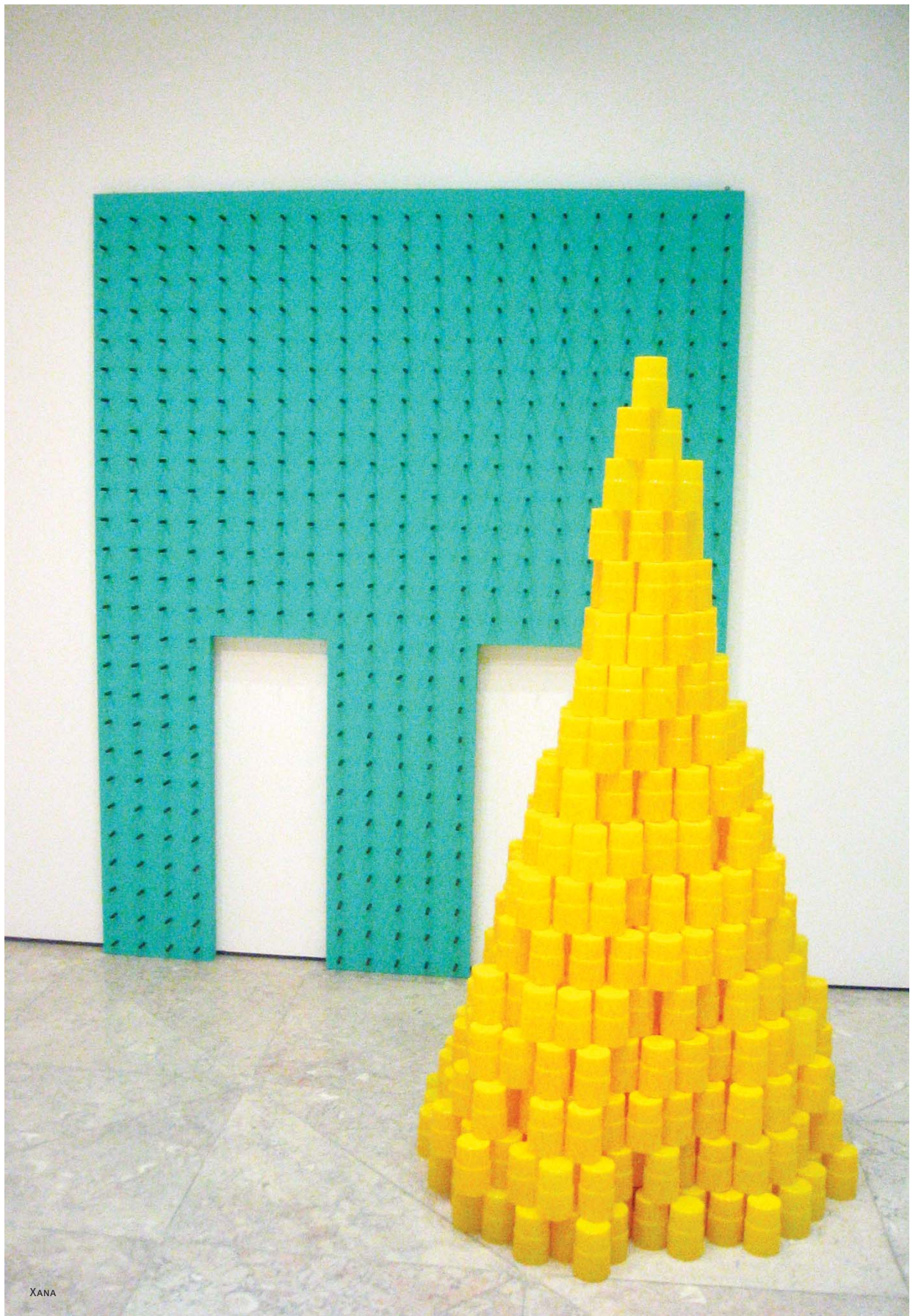
Diante das descobertas da ciência que destroem antigas crenças, da desagregação de conceitos, da sensação de *desrealização* que acompanha o surgimento das vanguardas, ainda é possível, e talvez mais do que nunca é necessário, que a arte actue no mundo, se não para preencher o vazio deixado pela derrocada da ideia de unidade, pelo menos para retratá-lo. “No entanto, neste vazio, os artistas constroem muitas vezes uma realidade, mas a do obstáculo. Já no Surrealismo, Max Ernst gostava de erigir, como uma muralha intransponível, blocos de pedra numa esquadria curiosa onde, por vezes, se abrem estranhamente olhos.”

Desnaturalizar o mundo, torná-lo estranho, para que, contraditoriamente, ele possa ser novamente conhecido. O surrealismo, como a arte do seu tempo, propõe uma nova estética, capaz de extrair o belo do absurdo e de instaurar o desvio para que daí surja, de facto, a vida. Breton começa o seu I Manifesto do surrealismo dizendo: “*Tant va la croyance à la vie, à ce que la vie a du plus précaire, la vie réelle s'entend, qu'à la fin cette croyance se perd*”. Hoje em dia, mais do que nunca, na arte não encontramos respostas. Já não há nada certo ou dado como tal. Por isso, para mim, torna-se tão difícil responder o que é a arte afinal? Por culpa, volto a dizer, das vanguardas que desmontaram, sem dó nem piedade, a muralha dos conceitos que parte da humanidade levou

séculos para erigir. Sem certezas sob os nossos pés só nos resta continuar procurando respostas. Perdemos a fé na arte, é certo, mas, através da sua forma peculiar de ver e fazer arte, as vanguardas ajudaram a instaurar a crença na VIDA.

Referências Bibliográficas

- ALQUIÉ**, Ferdinand. *Philosophie du Surréalisme*. Paris, Flammarion, 1955.
- ARGAN**, Giulio Carlo. “Il sublime subliminale di Max Ernst” in G. C. Argan et alii, *Studi sul surrealismo*, Roma, Officina Edizioni, 1977, pp. 13-25.
- ARGAN**, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- AUDOIN**, Philippe. *Les surréalistes*, Paris, Seuil, 1995.
- BENJAMIN**, Walter “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” in *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa, Relógio D'Água, 1992, pp. 71-1113.
- BRETON**, André. *Entrevistas*. Lisboa, Salamandra, 1994.
- BRETON**, André. *Manifestes du surréalisme*. Paris, Gallimard, 1972.
- DIDI-HUBERMAN**, Georges. *La ressemblance informe*. Paris, Macula, 1995.
- DORFLES**, Gillo. *O devir das artes*. 3ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988.
- DUPLESSIS**, Yvonne. *O Surrealismo*. Lisboa, Inquérito, 1983.
- DUPUIS**, Jules François. *História desenvolvida do surrealismo*. Lisboa, Antígona, 1979.
- ELSAESSER**, Thomas, “Dada/cinema” in Rudolf E. Kuenzli (ed.). *Dada and surrealist film*. New York, MIT Press, 1996, pp. 13-27.
- FORTINI**, Franco. *O movimento surrealista*, Lisboa, Presença, 1980.
- FRANCASTEL**, Pierre. *Pintura e Sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- HAUSER**, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- HUYGHE**, René. *O poder da imagem*. Lisboa, Edições 70, 1998.
- LIMA**, Sérgio. *A aventura surrealista*. São Paulo, Vozes, 1995.
- ORTEGA Y GASSET**, José. *La deshumanización del arte y otros ensayos de estética*. 11ª Ed., Madrid, Ediciones de la Revista de Occidente, 1976.
- PICON**, Gaëtan. *Le Surréalisme*. 2ª ed., Genève, Skira, 1995.
- SERS**, Philippe. *Sur dada – essai sur l'expérience dadaïste de l'image. Entretiens avec Hans Richter*. Nîmes, Éd. Jacqueline Chambon, 1997.
- TORRE**, Guillermo de. *Historia de las literaturas de vanguardia*. 2ª Ed., Tomo. II, Madrid, Ediciones Guadarrama, 1971.



XANA

Em Destaque ::

:: Entrevista com:

COSTA PINHEIRO, MIGUEL SOARES, RUI SANCHES E XANA

Da possibilidade
do ensino das artes visuais
na universidade



Será a universidade um bom espaço
para um curso de artes? Eis o mote para
iniciar a conversa com quatro conceituados
artistas portugueses: Costa Pinheiro,
Miguel Soares, Rui Sanches e Xana
(Alexandre Barata), professores
do curso de licenciatura em Artes Visuais
da Universidade do Algarve.
Os quatro artistas falam ainda
sobre a sua pesquisa artística,
da possível criação de um Museu de Arte
Contemporânea em Faro e das relações
que se poderiam estabelecer entre
o ensino artístico e esse espaço
museológico, culminando com uma análise
crítica sobre as artes hoje, em Portugal
e no Algarve em particular.

UALGzine - A arte ensina-se? Os alunos passam a ser artistas quando terminam a licenciatura em Artes Visuais?

Costa Pinheiro (CP) - Ensina-se
quando se trata do *métier*, de uma
aprendizagem laboratorial. Ser artista
é com o próprio artista.

Miguel Soares (MS) - A arte ensina-
-se mas os alunos não passam a ser
artistas apenas pela licenciatura.
O artista enquanto ser isolado da
sociedade não é uma visão realista.
O artista tem que se integrar na
“teia” e ser considerado como tal
pelos restantes “nós” dessa rede.
Ou seja, se os restantes colegas, o
público, os críticos, os galeristas, os
directores de museu, os comissários
e o senhor que faz as molduras
o considerarem um artista, ele é
um artista. Claro que a vontade
e a dedicação ao trabalho são
fundamentais neste processo.

Rui Sanches (RS) - A arte aprende-se
mas não se ensina. Ensina-se acerca
da arte e partilha-se uma experiência
de artista. Nós podemos (devemos)
criar um ambiente aberto, estimulante,
exigente e rigoroso, onde os alunos
possam entrar em contacto com
diversas experiências e percursos
artísticos, onde, através do exemplo
dos outros (professores e alunos) e da
sua própria prática, eles possam (se
lhes for possível) encontrar uma forma
de serem artistas.

Quando terminarem a licenciatura em

Artes Visuais os alunos terão iniciado
um percurso que poderá levar alguns
a tornarem-se artistas. Os outros terão
aprendido alguma coisa acerca da arte.
É importante não criar expectativas
infundadas pois estaríamos a abrir a
porta para a criação de um enorme
número de frustrados.

XANA (X) - Como é óbvio há muitos
conhecimentos inerentes ao saber
artístico que se ensinam num curso
que se intitula de Artes Visuais,
nomeadamente todas as componentes
ligadas à história, à estética, aos
fundamentos e às técnicas da
linguagem visual.

E um curso de ensino superior que se
pretende artístico tem, ainda mais que
os outros, de ter uma metodologia de
ensino que motive a capacidade crítica
dos alunos em relação à sociedade e
ao saber artístico. Um curso de artes
visuais tem que exigir a componente
criativa/inventiva dos alunos, condição
essencial, para quando iniciarem a
vida profissional poderem vir a ser
reconhecidos como artistas, pelo
complexo sistema de legitimação da
arte.

UALGzine - A Universidade é um bom espaço para um curso de artes?

(CP) - Quando o curso de Artes
Visuais representa o conhecimento
do *métier* e o exercício laboratorial,
justifica-se plenamente que este
funcione no âmbito de uma
Universidade.

:: Em Destaque



(MS) - Se é para levar as Artes a sério, parece-me ser o único local apropriado. Principalmente pela possibilidade de investigação e de troca de conhecimento com outros cursos. Da mesma forma que uma teoria científica pode influenciar uma obra de arte, também o inverso é verdadeiro. E é necessário compreender isto para a sociedade evoluir num bom sentido.

(RS) - A Universidade poderá ser um excelente espaço para um curso de artes, se houver absoluta autonomia e liberdade para a definição dos currículos e se estes forem definidos por artistas.

A actual situação, em que os cursos de artes têm de obedecer a critérios académicos onde não é levada em conta a especificidade deste ensino, fez perder alguns aspectos positivos das antigas escolas de belas artes sem que se tenha ganho muito em troca.

(X) - Potencialmente a Universidade é o lugar ideal para um curso de artes, se a ela for capaz de ser um espaço de investigação e de cruzamento dos saberes de várias áreas.

“A UNIVERSIDADE PODERÁ SER UM EXCELENTE ESPAÇO PARA UM CURSO DE ARTES, SE HOVER ABSOLUTA AUTONOMIA E LIBERDADE PARA A DEFINIÇÃO DOS CURRÍCULOS E SE ESTES FOREM DEFINIDOS POR ARTISTAS.

A ACTUAL SITUAÇÃO, EM QUE OS CURSOS DE ARTES TÊM DE OBEDECER A CRITÉRIOS ACADÉMICOS ONDE NÃO É LEVADA EM CONTA A ESPECIFICIDADE DESTES ENSINO, FEZ PERDER ALGUNS ASPECTOS POSITIVOS DAS ANTIGAS ESCOLAS DE BELAS ARTES SEM QUE SE TENHA GANHO MUITO EM TROCA.”

RUI SANCHES

Mas a Universidade, para acolher devidamente os cursos artísticos, tem que reconhecer a especificidade deste ensino, não podendo querer organizar e avaliar uma área do ensino que promove investigação na área das práticas artísticas da mesma forma que avalia outras vertentes do ensino que só desenvolvem investigação científica.

Esta discussão já foi iniciada por uma plataforma de cursos de formação artística a nível nacional, mas é imperioso que se tomem decisões que reconheçam esta especificidade no seio da Universidade.

UALGzine - Quando trabalha com os alunos, a sua pesquisa artística está presente? É possível distanciar-se do percurso pessoal para se relacionar com a obra do outro? Será que é nessa relação/processo que se pode processar parte de uma investigação “universitária” que relacione com a prática artística?

(CP) - A minha pesquisa artística, ao trabalhar com os alunos, leva a um criar imaginativo de parte a parte. A obra do outro, neste caso, não é uma obra isolada. A relação-processo que implica uma investigação “universitária” relacionada com a prática artística deve ser a criatividade.

(MS) - É impossível fazer um corte total entre o artista e o professor. Tento distanciar-me o mais possível do meu percurso pessoal embora saiba que é impossível ser 100% isento.



COSTA PINHEIRO

A pesquisa que faço ao preparar as aulas acaba por ser útil também para mim. Mas seria útil mesmo que eu não fosse artista. Convém notar que estamos a trabalhar com artistas (ou futuros artistas) ainda numa fase muito inicial (cerca de 20 anos de idade), pelo que há grandes diferenças entre as investigações deles e as minhas.

(RS) - Espero que a minha pesquisa artística esteja sempre presente.

O artista é também espectador da sua própria obra. Esses períodos de distância são fundamentais. Quando nos relacionamos com outra obra existe distância mas não existe neutralidade, o observador objectivo e neutro não existe.

O meio universitário poderá ser um local de troca e de partilha de experiências, dentro da escola de arte e com outros departamentos também, poderá ser o local onde se estabelecem pontes entre os vários campos do saber: artes, ciências, humanidades, etc.

(X) - Claro que todos os conhecimentos que adquiri por via académica foram confrontados com as práticas artísticas subsequentes e hoje as minhas ideias artísticas estão sempre presentes e confrontam-se também com o exercício da docência.

Mas no processo de ensino tenho que me distanciar, muitas vezes, das minhas “problemáticas” para conseguir levantar questões produtivas aos alunos, que sejam pertinentes para a investigação que eles estão a desenvolver.

É também nesse processo de confronto entre linhas de pensamento e práticas artísticas diversas que a Universidade cumpre o seu paradigma de espaço laboratorial de investigação.

UALGzine - Quando se fala na criação de um Museu de Arte Contemporânea em Faro, como vê as relações entre o ensino artístico e esse espaço museológico?

(CP) - Criar um Museu de Arte Contemporânea, seja em Faro seja noutra cidade, é um trabalho exigente e representativo, e o ensino artístico pode criar uma relação cultural importante com esse espaço.

“AS ARTES VISUAIS EM PORTUGAL, DEPOIS DE ÉPOCAS MEDÍOCRES, LONGE DA MODERNIDADE INTERNACIONAL, DESENVOLVERAM-SE A PAR DESSA INTERNACIONALIDADE EM MOVIMENTO. PARA O ALGARVE, DEPOIS DA CRIAÇÃO DE ALGUNS CENTROS CULTURAIS, A MODERNIDADE, LONGE DA CENTRALIZAÇÃO, COMEÇA A NASCER, PROMETENDO OUTROS HORIZONTES.”

COSTA PINHEIRO

(MS) - Seria imprescindível para a evolução do meio artístico e cultural no Algarve. A colaboração entre as duas instituições seria naturalmente enriquecedora para ambas. Mas não falta só o Museu, faltam galerias, espaços alternativos e muita (in) formação. Falta criar público.

(RS) - Espero que nunca se venham a “institucionalizar”!

Poderão ser mutuamente benéficas se as pessoas envolvidas forem encontrando formas de colaborar.

Será, com certeza, mais uma forma de os alunos passarem por experiências diversas no campo artístico.

(X) - Parece-me essencial para o desenvolvimento cultural e para o crescimento da actividade artística na região um diálogo intenso entre uma instituição museológica que dá a ver a arte actual e o ensino artístico, que tem obrigação de problematizar essa área.

A Universidade do Algarve necessita da proximidade de um espaço dessa natureza que vai enriquecer o seu tecido cultural e o Museu necessita dos técnicos e dos artistas que estão a investigar nessa área na Universidade.

Nesse sentido, deveria prosseguir-se a aproximação já iniciada entre a Câmara Municipal de Faro, que está a criar o espaço, e a UAlg, para que se articulem os objectivos comuns a atingir na área educacional e artística nesse museu.

UALGzine - Como analisa as Artes hoje em Portugal e no Algarve em particular?

(CP) - As Artes Visuais em Portugal, depois de épocas medíocres, longe da modernidade internacional,

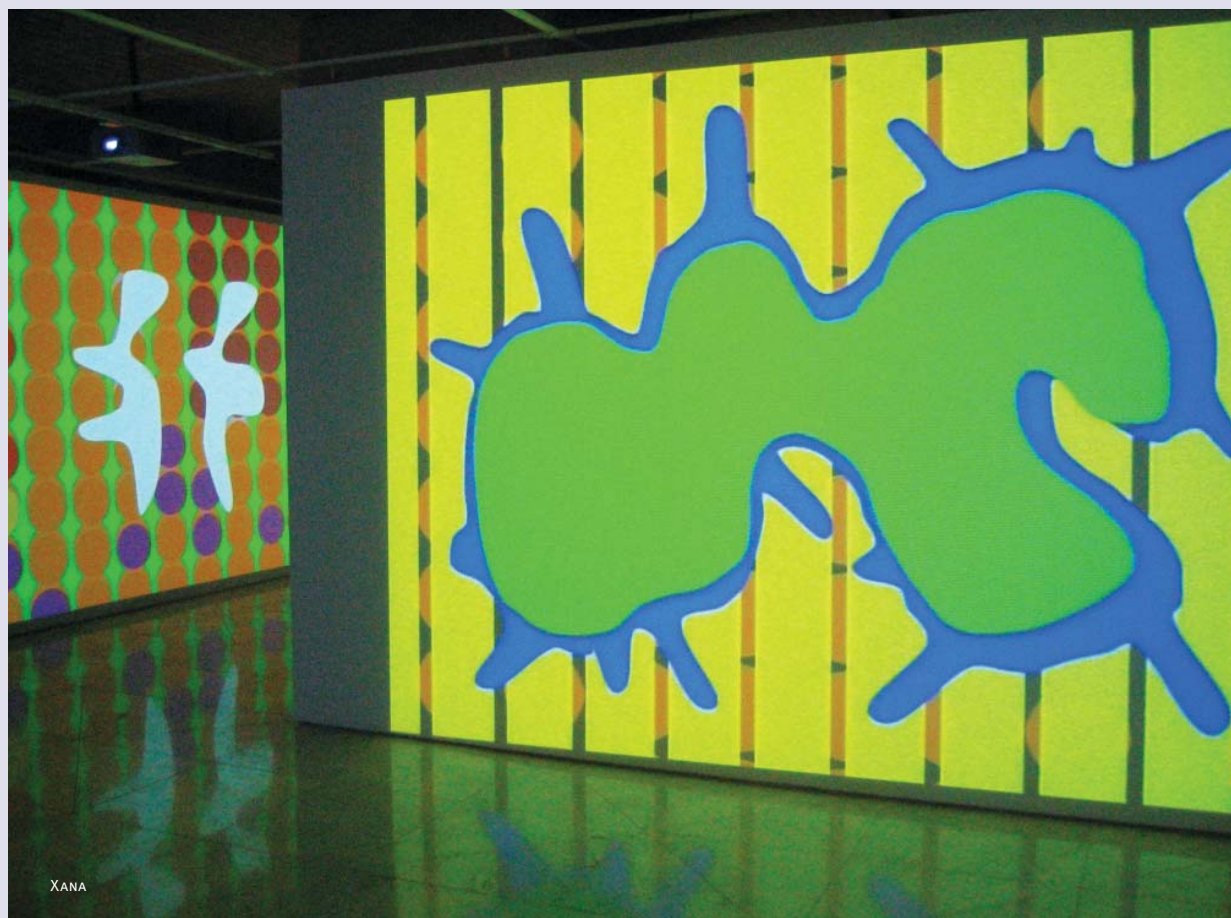
desenvolveram-se a par dessa internacionalidade em movimento. Para o Algarve, depois da criação de alguns centros culturais, a modernidade, longe da centralização, começa a nascer, prometendo outros horizontes.

(MS) - As artes visuais estão a viver momentos únicos em Portugal. Não só passam por cá os grandes nomes que antes só circulavam no norte da Europa e nos Estados Unidos, como assistimos a jovens artistas portugueses ganharem nome em Madrid, Paris, Londres, Berlim ou Nova Iorque. A sensação que tenho é que o Algarve, apesar das auto-estradas, aeroporto e turismo, continua muito isolado e alheio a esta realidade. Como dizia atrás, ainda está tudo por fazer neste campo. Os alunos acabam agora as licenciaturas com 21 ou 22 anos e não só não há galerias para absorver os seus trabalhos, nem outros locais para expor, como também não há forma de prosseguirem os seus estudos através de mestrados ou cursos especializados. Ir para Lisboa

“AS ARTES VISUAIS ESTÃO A VIVER MOMENTOS ÚNICOS EM PORTUGAL. NÃO SÓ PASSAM POR CÁ OS GRANDES NOMES QUE ANTES SÓ CIRCULAVAM NO NORTE DA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS, COMO ASSISTIMOS A JOVENS ARTISTAS PORTUGUESES GANHAREM NOME EM MADRID, PARIS, LONDRES, BERLIM OU NOVA IORQUE. A SENSACÃO QUE TENHO É QUE O ALGARVE, APESAR DAS AUTO-ESTRADAS, AEROPORTO E TURISMO, CONTINUA MUITO ISOLADO E ALHEIO A ESTA REALIDADE.”

MIGUEL SOARES

ou para o estrangeiro parece ser a única forma de os alunos do Algarve poderem continuar a crescer após a Licenciatura. O comboio que liga Lisboa a Faro continua a demorar 4 horas (quase o dobro de Lisboa-Porto). Há zonas do percurso que têm linha única e é preciso esperar que um comboio desça para outro subir.



O último comboio para Lisboa parte às 5 da tarde. Não percebo como deixaram as coisas chegar a este estado. Parece-me fácil identificar os principais problemas. Só falta a vontade política.

(RS) - As artes visuais em Portugal, hoje, não são muito diferentes do que acontece noutro lugar qualquer. Há, como no resto, um problema de escala: é um meio pequeno, onde há pouco de tudo. Não conheço em pormenor a situação das artes no Algarve.

(X) - Esta é de certeza a questão mais complexa porque se relaciona

com a análise das problemáticas levantadas neste inquérito, e com muitas outras que perfazem o sistema das artes: artistas, ensino artístico, museus, mercado de arte, curadoria, crítica e comunicação social.

Simplificando e fazendo uma análise parcial do sistema, focaria só alguns pontos:

- Em relação ao ensino, diria que, com a massificação do ensino superior nas últimas décadas e o aparecimento de diversos cursos na área das artes visuais ministrados em muitos distritos de Portugal, está garantida

“EM RELAÇÃO AO ENSINO, DIRIA QUE, COM A MASSIFICAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NAS ÚLTIMAS DÉCADAS E O APARECIMENTO DE DIVERSOS CURSOS NA ÁREA DAS ARTES VISUAIS MINISTRADOS EM MUITOS DISTRITOS DE PORTUGAL, ESTÁ GARANTIDA A FORMAÇÃO SUPERIOR DE MUITOS DOS POTENCIAIS ARTISTAS”

XANA

a formação superior de muitos dos potenciais artistas;



RUI SANCHES



- Na área dos equipamentos culturais e na sequência dos diversos apoios da Europa comunitária, existem espaços de exposição adequados em quase todo o Portugal. Lamentavelmente a maioria desses espaços não tem autonomia, depende demasiado do poder político e não tem uma programação criteriosa, limitando-se a encher o calendário com actividades avulsas de “animação social”. Prejudica-se, assim, a circulação e a visibilidade da arte contemporânea e consequentemente nega-se o desenvolvimento do nível cultural das populações;

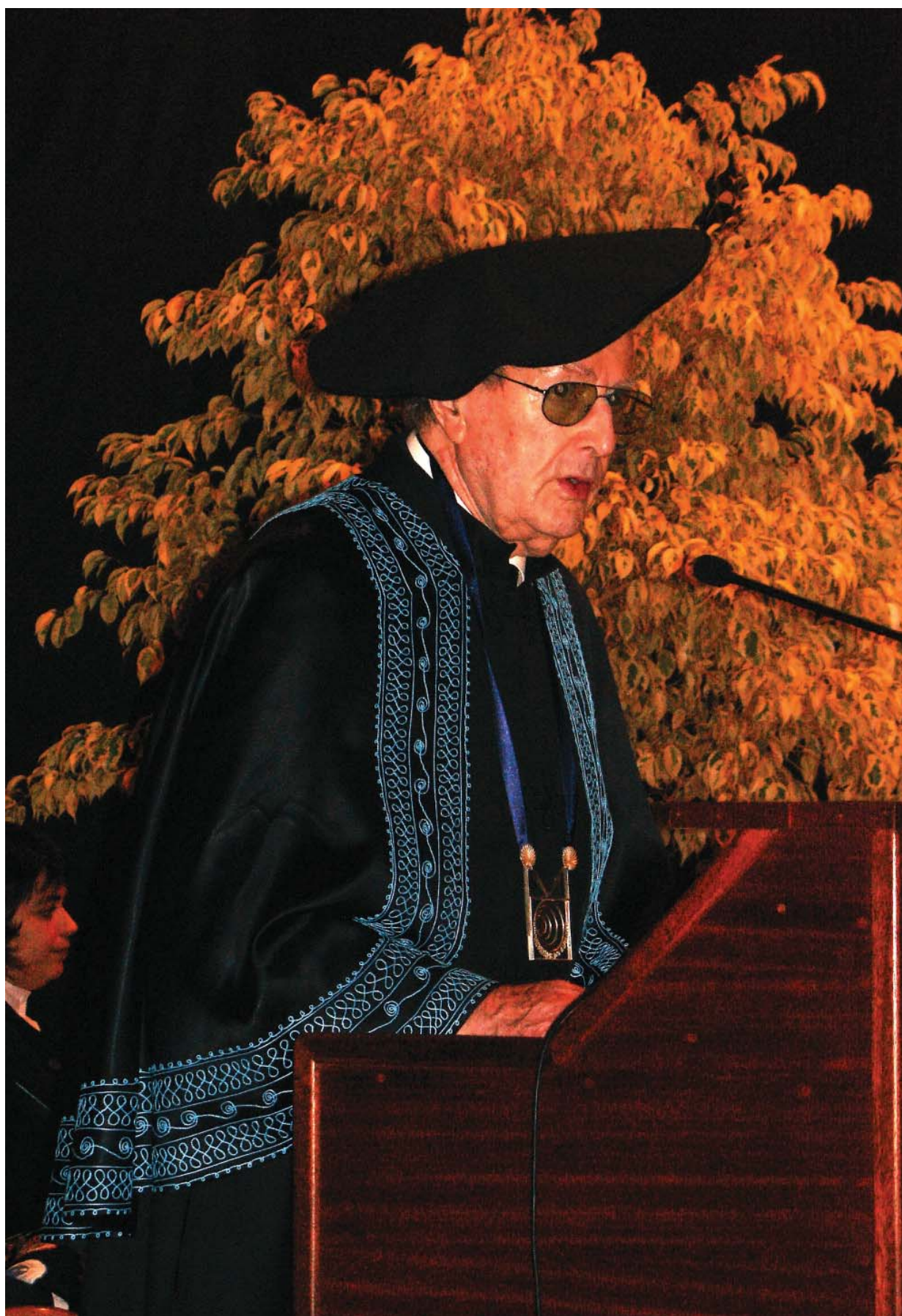
- Os museus de arte contemporânea

existentes concentram-se em Lisboa e Porto, com poucas excepções que confirmam a regra, como um recente museu criado em Elvas. Faltam obviamente outros museus ou centros de arte contemporânea espalhados pelo país, que façam circular as novas ideias iminentes das actividades artísticas;

- Os museus de importância nacional obviamente concentram as suas aquisições em valores já consagrados. É pois necessário criar outras estruturas regionais, com uma filosofia e orçamentos próprios, para outro tipo de aquisições, mais vocacionadas para autores fora do *mainstream*, e também para que

possam sobreviver actividades artísticas fora das grandes metrópoles;

- Por último, alertava a comunicação social, nomeadamente a regional, para a necessidade de realizar a cobertura regular das actividades artísticas, não só com a divulgação das notas de imprensa que lhes são enviadas pelas instituições, mas sobretudo contratando “críticos” (formados na área dos Estudos Artísticos) que façam a mediação, a pedagogia e a análise dos acontecimentos artísticos, ampliando o sentido interventivo da arte na sociedade.



ACTUALIDADE Academia

Doutoramento *Honoris Causa* atribuído a Manoel de Oliveira

A Universidade do Algarve atribuiu o Doutoramento *Honoris Causa* ao cineasta Manoel de Oliveira. O primeiro acto do ano em que se comemoram os cem anos do realizador decorreu em Janeiro, no Grande Auditório da UAlg.

Para o Vice-Reitor da UAlg, Prof. Doutor Pedro Ferré, “a outorga do grau de doutor *Honoris Causa* é uma das formas de honrar este grande criador; mas o facto de Manoel de Oliveira o ter aceiteado é uma das maiores homenagens que pode ser feita a esta Academia. Num momento em que as artes são uma das prioridades estratégicas da Universidade do Algarve, acolher Manoel de Oliveira no seu seio é também homenagear o cinema e homenagear todos quantos se dedicam à sétima arte, sejam criadores, sejam críticos, sejam meros espectadores. É homenagear, ainda, de forma muito especial, o Cineclube de Faro, inspirador da decisão tomada pelo Senado desta Instituição”.

A Universidade do Algarve associou-se ao Cineclube de Faro (CCF) para homenagear o cinema que é, com este realizador, arte maior, mas também a literatura e a música que têm marcado a sua incontornável obra cinematográfica. O acto académico foi acompanhado de um conjunto de actividades que permitiram, sobretudo, aproximar do público a obra deste grande criador do cinema português e mundial.

Traçado de um percurso de excelência

“A Universidade do Algarve conta entre os seus laureados com personalidades como o economista António Simões Lopes, a filóloga Maria Aliete Galhoz ou o poeta António Ramos Rosa”, referiu o reitor da UAlg, João Guerreiro, por ocasião da concessão do grau de Doutor *Honoris Causa* a Manoel de Oliveira, explicando que “são individualidades que merecem o nosso grande reconhecimento e

que registam percursos profissionais, pessoais e de cidadania ímpares, que muito contribuíram para o progresso do conhecimento, da cultura e das artes, razões que justificam sem sombra de dúvida a sua inserção na Comunidade Académica da Universidade do Algarve”.

Sobre o laureado, João Guerreiro salientou: “o exemplo da sua vida preenche uma enorme ambição que está presente, com perenidade, nas nossas expectativas. (...) Manoel de Oliveira, diz-nos a sua biografia, assumiu ainda muito novo o papel de desportista. Quer dizer que ganhou fôlego para percorrer o século XX. Como corredor de fundo, diríamos, na actualidade. Mas o seu percurso, reflexivo e criativo, é um percurso do qual nos interessa extrair alguns marcos que podem e devem ser assumidos pela Universidade. Características que estão explícitas no seu percurso e que hoje pretendemos também transferir para os jovens estudantes que por aqui passam e que se encontram no limiar de novos desafios e de novas responsabilidades”. O reitor da UAlg evocou ainda “o trabalho exemplar do Cineclube de Faro, um parceiro que mantém uma colaboração próxima com a Universidade do Algarve e que intervirá de forma exemplar nas comemorações do aniversário de Manoel de Oliveira”.

“Estou extremamente grato à Universidade do Algarve por esta grande honra, (...), quero agradecer ao magnífico Reitor por me ter concedido esta enorme honra, ao meu padrinho a interpretação dos meus filmes, pois não existe nada mais gratificante para qualquer artista, seja ele pintor ou escultor, ou qualquer outra coisa, do que a compreensão do seu trabalho”, declarou Manoel de Oliveira no primeiro discurso que fez enquanto novo doutor da Universidade do Algarve. Em resposta à oração de sapiência, brilhantemente apresentada por Mário Jorge Torres,

professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e crítico de cinema, que o definiu como “maior que o seu país”, Manoel de Oliveira confessou: “sinto-me pequeno num enorme país que é Portugal, que se estende por todo o globo, o Portugal que, para mim, é o país mais internacional de todos os países, sem deixar de ser português”. A programação, que decorreu em vários espaços culturais algarvios, incluiu mostras do cinema do realizador, com a apresentação de curtas-metragens e das longas-metragens *A Divina Comédia* e *O Sapato de Cetim*.

Exposição bibliográfica e documental sobre o cinema de Manoel de Oliveira

No Grande Auditório da UAlg esteve aberta ao público uma exposição de cartazes dos filmes em arquivo no Cineclube de Faro, na qual puderam ser vistos documentos das sessões que o CCF dedicou ao cineasta ao longo de toda a sua história, tais como o programa da primeira sessão, o folheto que recorda a homenagem prestada ao realizador em 1964, artigos produzidos pelos seus colaboradores no carismático *Ecran* – Boletim do CCF ou ainda o caderno *Manoel de Oliveira*, editado pelo 39º aniversário do cineclube farense.

A pequena mostra também recuperou cartazes e fotografias dos filmes de Manoel de Oliveira, de onde se destacam os exemplares de *A Divina Comédia* e *Dia do Desespero*, assinados por Henrique Cayatte, e de *Espelho Mágico*, da autoria de Francisco M. Laranjo. No conjunto de publicações apresentadas incluíam-se exemplares das históricas revistas de cinema *Cineclube* - Boletim do Clube Português de Cinematografia, *Celulóide* - Revista Portuguesa de Cinema e *Grande Ilusão*, do Cineclube do Norte, bem como artigos que revistas internacionais, como *Cahiers du Cinéma*, dedicaram ao realizador.

Jovens Artistas da UAlg participam no “3.º Prémio de Pintura Banif”

Três alunos do 3.º ano do curso de licenciatura em Artes Visuais, **Andreia Filipe, Mariana Madeira e Pedro Filipe**, foram seleccionados para representar a Universidade do Algarve no “3.º Prémio de Pintura Banif”, organizado pelo Banco Internacional do Funchal no âmbito das comemorações do seu 20.º Aniversário.

A iniciativa, cuja organização e gestão cultural foram atribuídas ao Centro Nacional de Cultura, pretende contribuir para incentivar a criatividade artística no domínio da pintura e promover o reconhecimento do talento dos jovens artistas portugueses. Os candidatos à categoria Revelação, alunos de instituições com ensino de pintura, foram seleccionados pelas próprias instituições. As obras concorrentes foram expostas na Sociedade Nacional de Belas-Artes, entre 3 e 28 de Abril.

“O Universo das cores e dos pincéis”

Questionados sobre o que é que mais os fascina no Universo das cores e dos pincéis, os representantes da UAlg falam-nos das suas atracções, que vão

desde a influência que a sociedade exerce sobre os artistas, passando pelos objectos encontrados”, até às “sempre surpreendentes combinações cromáticas”.

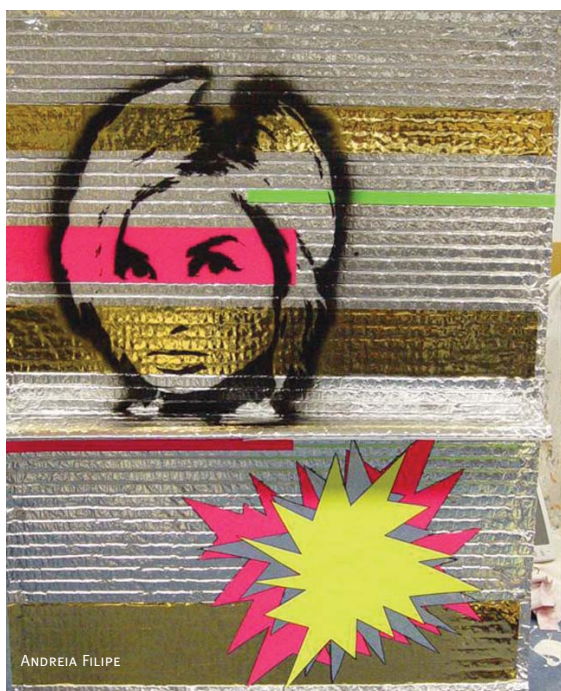
Andreia Filipe considera que “de certa forma, até as coisas que nos causam repulsa nos atraem, porque de outra forma ser-nos-iam indiferentes”. Com a presença marcante das imagens nas sociedades actuais, de que são exemplo os *reality-shows*, “toda a gente quer observar e ser observada”, concretizando: “vemo-nos através dos outros e gostamos de criar uma imagem (falsa ou verdadeira) que possamos exhibir, no entanto, o ser humano sempre foi *voyeur* mas agora está de facto a assumir a sua natureza”. Consciente da influência que a sociedade exerce sobre si própria, a aluna admite que a sua atitude perante aquilo que a rodeia treinou-a para seleccionar e assimilar o que lhe desperta interesse. “Como Andy Warhol disse: «the world fascinates me». E, de facto, é isso que sucede também comigo. A partir da assimilação do que me rodeia chega a criação da imagem que quero exhibir ao mundo”, sublinha.

Os “objectos encontrados” são o fascínio de Mariana Madeira. A aluna gosta de encontrar



objectos e atribuir-lhes uma função diferente, combinando-os de uma maneira aleatória. “Gosto especialmente quando não sei a sua função pragmática ou quando esta é completamente absurda ou gratuita. Só quando eles perdem a sua identidade é que os consigo combinar e misturá-los com o tal “Universo das cores e dos pincéis”, acrescenta.

Já para Pedro Filipe “as combinações cromáticas” são sempre surpreendentes por mais previsíveis que possam ser os resultados das suas misturas, das suas diluições e gradações. “Consoante a dissolução ou a intensidade dos pigmentos e a sua aplicação com determinado tipo de pincel ou espátula, assim resultará um trabalho diferenciado, de características únicas sob o ponto de vista técnico-cromático”, explica o aluno, não deixando de salientar que “a arte é muito mais que isto”.





“Não pretendo decifrar o porquê dos meus trabalhos”

Sobre os trabalhos seleccionados para o “3.º Prémio de Pintura Banif”, Andreia Filipe explica: “Não pretendo decifrar o porquê dos meus trabalhos, pois dessa forma estou a condicionar o espectador a “travestir-se” para conseguir estar de acordo com os meus padrões e ideologias”. E acrescenta: “Não me cabe a mim influenciar a leitura que cada um faz do conjunto de formas/imagens que tem à sua frente”.

Através das suas criações, Mariana Madeira pretende transmitir um *boom*, “talvez esteja entre todas as coisas de que falo ou então é essas coisas todas”. E do que tenho andado a falar é de regras, de dogmas, de pensamento vertical e universal, e, por outro lado, de ingenuidade, de niilismo, de absurdo, de pensamento lateral e individual”, justifica. Para Mariana Madeira não existe o sentido universal das coisas, “apesar de confrontar dois mundos, e de à primeira vista parecerem coisas distintas, no fundo eles podem ser a mesma coisa, pois acredito na visão holística de Heidegger.” Há quem considere que o seu trabalho é intervencionista e tem conotações políticas, mas a aluna classifica-o

apenas de reflexivo. “Acho que, por enquanto, é só isso que quero: fazer as pessoas reflectir; formular questões que para mim podem não ter respostas”, concretiza.

Pedro Filipe concorreu com dois trabalhos que fazem parte integrante do projecto final de curso (Laboratório VI). “São dois acrílicos sobre tela, que representam animais com corpo humano em atitudes de pose, que podem reflectir particularidades sociais específicas e caracteres, índoles ou comportamentos que, estereotipadamente, atribuímos a determinados animais. Constituem um trabalho figurativo que exigiu algum rigor técnico e vários estudos preliminares”, explica o autor.

“O que é a arte?”

Para Andreia Filipe “a arte não existe com o mero propósito de exhibir virtuosismos maneiristas. Serve para nos fazer reflectir, para nos apresentar ideias, da mesma forma que a filosofia o faz, e a partir do conceito que é apresentado são desencadeadas outras leituras por parte de quem interpreta. Contudo, os conceitos são diversos, e no meu trabalho o conceito é a ausência do mesmo.”

“Acho que não faço arte para perceber a arte, faço arte para

perceber o mundo”, afirma Mariana Madeira. “Mas percebê-lo à minha maneira, não acredito em ideias universais. Assim, posso desmontá-lo várias vezes e como as hipóteses são infinitas, nunca me canso”. A aluna admite que a essência está mesmo na questão “O que é a arte?”, consciente de que nunca existirá uma resposta definitiva. “Acho que se um dia existir essa resposta, estarei morta como artista, pois já não há nada para encontrar”, confessa.

Para Pedro Filipe a criação artística é “uma forma específica, diversificada e complexa de comunicar visualmente. Poderá ser impulsiva ou reflectida; programada ou repentina”. Porém, sublinha, “terá que constituir uma actividade desafiante e provocadora, estabelecendo questões e promovendo controvérsias quer no universo interior do artista visual, quer na relação estabelecida entre a própria obra de arte e o fruidor.”

Para os três alunos, só o facto de terem participado no “3.º Prémio de Pintura Banif” já é um prémio. Para além de poderem mostrar os seus trabalhos a um público exigente, o carácter nacional do concurso é, por si só, um factor de prestígio e de inequívoco valor no panorama artístico actual.

VISUALg - Mostra de Arte dos alunos de Artes Visuais

A exposição VISUALg, organizada anualmente pelo curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Algarve, tem como objectivo divulgar o curso e promover o trabalho dos seus alunos. As obras apresentadas são o resultado de um ano de aprendizagem em que o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo são explorados.

1ª edição da VISUALg

A primeira edição da VISUALg, que esteve patente no Museu Municipal de Faro entre 6 e 24 de Junho de 2007, resultou da selecção de trabalhos de alunos do 1.º e 2.º anos, dado que o curso iniciou em 2005. Mesmo representando um curso recente, a exposição recebeu mais de 1600 visitantes.

A apresentação anual desta mostra de trabalhos justifica-se sobretudo por objectivos pedagógicos, nomeadamente ao proporcionar um processo de interacção com a comunidade, no que poderá ser o início uma carreira artística. Promove-se também o diálogo, necessário e sempre profícuo, entre os trabalhos e as ideias destes novíssimos criativos e o meio envolvente.

Também a produção cultural foi uma actividade exercitada pelos alunos, nomeadamente a sua capacidade para desenvolverem um projecto de exposição nas suas componentes de concepção, montagem e divulgação. Para os

organizadores, foi determinante “o papel de proporcionar conhecimento, integrar socialmente os novos artistas e dinamizar culturalmente a região”. Nesta iniciativa contaram com o apoio do Museu Municipal de Faro.

2ª edição da VISUALg

A segunda edição da VISUALg, que decorreu durante o mês de Setembro também no Museu Municipal de Faro, foi dedicada apenas aos alunos finalistas. Para Mirian Tavares, directora do departamento de Línguas, Comunicação e Artes “a exposição tem como objectivo dar a conhecer os trabalhos finais dos alunos, depois de terem cumprido todo um percurso”.

“Todo o projecto da licenciatura foi concebido para que os alunos, ao chegarem ao final do curso, dediquem um ano à preparação de um projecto de criação de uma obra ou de um conjunto de obras, com o acompanhamento de um professor, ou professores, mais ligados à técnica específica que eles escolhem desenvolver” explica, acrescentando que “toda a divulgação final deste trabalho é parte integrante da própria dinâmica do curso”.

“O Museu Municipal de Faro aceitou ser o nosso parceiro neste projecto, ajudando assim a divulgar a obra dos jovens artistas formados pela Universidade do Algarve e contribuindo também para inserir a licenciatura no ambiente artístico-cultural da região”, conclui a docente.



Aluna da UAlg seleccionada para o Anteciparte 2008

Nos últimos anos, o Anteciparte tem-se constituído como uma importante mostra da mais jovem expressão artística nacional, fora do circuito comercial.

Na 5.ª edição, um júri composto por personalidades ligadas à crítica e à produção artísticas seleccionou 7 jovens artistas, entre os quais Andreia Filipe, aluna do curso de Artes Visuais da Universidade do Algarve. Antes da apresentação, que terá lugar de 6 a 16 de Novembro no Museu da Cidade, em Lisboa, Andreia Filipe partilha com a UALgazine o significado desta experiência, que é já um reconhecimento do seu trabalho.



UALGzine – O facto de ter sido seleccionada para o Anteciparte foi uma surpresa total ou estava convicta de que o seu portefólio estaria entre os melhores?

Andreia Filipe (AF) - Foi algo de que não estava de facto à espera. Como se pode participar no concurso até 3 anos depois de se ter terminado o curso, decidi enviar o meu portefólio pois não tinha nada a perder e foi mais com o objectivo de mostrar o meu trabalho e se fosse necessário no ano seguinte tentar outra vez participar. Então quando soube que tinha sido seleccionada fiquei mesmo em estado de choque!

UALGzine - A seu ver, quais são os aspectos singulares da sua expressão artística?

(AF) - Eu sou voyeur. O meu trabalho é apenas o reflexo daquilo que vejo e “absorvo” do mundo. Não pretendo manipular interpretações por parte do espectador, para que este tenha uma leitura neutra daquilo que tem à sua frente.

UALGzine - Como é que encara o facto de pertencer a este núcleo restrito de jovens seleccionados?

(AF) - Sinto-me muito lisonjeada e ao mesmo tempo com a enorme responsabilidade de dar o meu melhor.

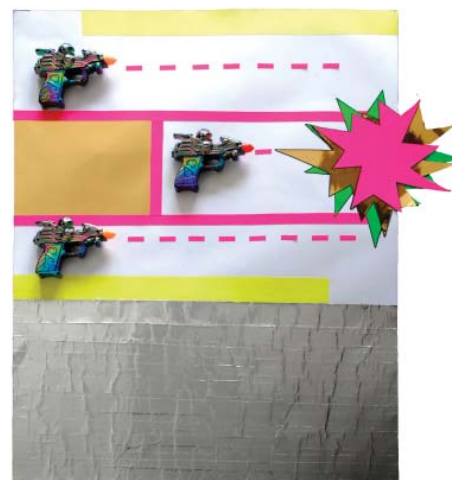
UALGzine - Acha que esta selecção pode ter um efeito catalisador na sua carreira?

(AF) - Creio que sim, pois é uma selecção feita por um júri credenciado na área e logo aí há expectativas altas em relação aos seleccionados.

UALGzine – De entre os seleccionados, a maioria vem de escolas de arte. Sente que há na UAlg o espaço necessário para se aprender artes?

(AF) - Deveria haver mais, eu fui uma privilegiada por ter entrado logo no ano em que o curso abriu e em que havia mais espaço para trabalhar, mas com o passar de uns anos para os outros e com a entrada de novas turmas as Artes Visuais tornaram-se um pouco mais congestionadas e sem espaço para trabalhar e para armazenar os trabalhos dos alunos.

Mas apesar de ainda ser um curso relativamente jovem temos os melhores professores que são excelentes artistas e catalisam a liberdade de expressão não obedecendo a cânones e deixando o aluno desenvolver a sua própria linguagem, o que é fundamental para o artista encontrar o seu caminho. Para além disso há a preocupação de dar a conhecer ao aluno o que se anda a fazer pelo mundo, organizando seminários,



visitas de estudo em território nacional e internacional e através da próxima ligação com os professores debater questões actuais da arte contemporânea.

UALGzine - Sendo que foi seleccionada ainda como estudante, que disciplina ou matéria em particular destacaria na sua formação?

(AF) - Todas as disciplinas que frequentei foram essenciais para a minha formação, pois o curso tem essa particularidade de ser muito abrangente dentro do campo da arte, no entanto aquelas que considero mais importantes são sem dúvida Desenho, Laboratório das Artes Visuais e Cultura Pop (disciplina que frequentei mas que faz parte do curso de Estudos Artísticos).

UALGzine - Sobre a iniciativa Anteciparte no conjunto das acções e programas de divulgação da arte em Portugal, que tratamento lhe parece que está a ser dado aos artistas nacionais, face aos estrangeiros? E no que diz respeito aos jovens?

(AF) - Penso que poderia haver mais acções de promoção da arte feita por portugueses, principalmente após o período em que deixam de ser “jovens artistas” e se tornam “artistas adultos”, pois parece haver uma estagnação de acções direccionadas aos artistas nessa idade.

Framing - Fotografias Contemporâneas

Trabalhos de fotografia de alunos da UAlg em exposição no Museu Municipal de Faro

Organizada pelo curso de Design de Comunicação da Universidade do Algarve, a exposição “Framing - Fotografias contemporâneas” teve início no mês de Março de 2008 e, pelo seu sucesso, acabou por prolongar-se até final do mês de Abril, no Museu Municipal de Faro. A selecção de trabalhos desenvolvidos traduziu diversas técnicas e temas explorados durante o primeiro semestre do ano lectivo de 2007/2008.

e velocidade de obturação, numa abordagem experimental à técnica de ampliação em laboratório analógico. Estas técnicas permitiram que as personagens familiares fotografadas “desfilassem perante a objectiva, materializando metáforas e conceitos idealizados para ilustrar o tema”, explicam os organizadores.

O tema “o pixel”, materializado através da luz e da cor, foi o mote para explorar esteticamente os aspectos característicos das fotografias captadas com dispositivos móveis (telemóveis).



Os trabalhos desenvolvidos na Unidade Curricular de Fotografia foram apresentados em torno de três temas: “as profissões”, “a família” e “o pixel” – que apontam para a três diferentes explorações de técnica fotográfica.

Através da técnica digital, o tema “as profissões” permitiu explorar diversas linguagens e expressões, que enunciam “poeticamente os aspectos mais marcantes dos diferentes ofícios retratados”, explicam António Lacerda e Daniela Garcia, organizadores do evento.

O tema “a família” propôs explorar, através de imagens argênticas, as noções de profundidade de campo

Num trajecto que se propôs, técnica e tematicamente, do particular para o geral e abstracto, o visitante foi levado a percorrer visualmente imagens de pessoas, rostos, emoções, espaços, objectos, luz e som, num percurso por alguns dos espaços do museu, incluindo a capela.



O lado positivo dos Negativland

Já é longínqua a origem daquela que é, muito provavelmente, a banda recordista em processos judiciais em tribunais norte-americanos – os Negativland formaram-se nos finais dos anos 70 e contam já com uma discografia considerável. A base do seu trabalho é a colagem sonora de trechos musicais, de anúncios publicitários, de programas de rádio e do que mais a imaginação inesgotável destes músicos se lembrar. O resultado é uma experiência digna de ser repetida, e repetida, como os *loops* de uma das trilhas sonoras exibidas, num dos auditórios do complexo pedagógico da Penha, na UAIG, no dia 20 de Maio de 2008, pelo próprio Mark Hosler, um dos fundadores do grupo, numa palestra deveras interessante e à qual professores e alunos aderiram em massa.

Cáusticos, contra-corrente e adversos ao “aprisionamento” dos conteúdos musicais pelas editoras, os Negativland proporcionam nas suas músicas e vídeos uma sátira inteligente e mordaz àquilo que se tornou a sociedade mediatizada do final do século passado e início do novo século. Sempre fugindo ao sistema e às regras estabelecidas é natural que se criem clivagens num mundo musical totalmente controlado por direitos de autor ou de imagem – os “utensílios” de trabalho dos Negativland - que continuam a recusar-se a pedir autorização para sua utilização, até porque, muito provavelmente como o próprio Mark Hosler afirmou, ninguém dá permissão para ser alvo de uma crítica.



Mark Hosler

O DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS, COMUNICAÇÃO E ARTES APRESENTA:

UM SEMINÁRIO COM MARK HOSLER DOS NEGATIVLAND

ADVENTURES IN ILLEGAL ART:

CREATIVE MEDIA RESISTANCE AND NEGATIVLAND

A 90-minute film and storytelling presentation by Mark Hosler, founding member of Negativland, with Q and A to follow.

No lawyers were harmed in the making of this event! Pranks, media hoaxes, media literacy, the art of collage, creative activism in a media saturated multi-national world, file sharing, intellectual property issues, evolving notions of art and ownership and law in a digital age, artistic and funny critiques of mass media and culture, so-called “culture jamming” (a term coined by Negativland way back in 1984)... even if you have never heard of Negativland, if you are interested in any of these issues you're sure to find this funny and inspiring presentation worth your time and attention.

Is Negativland a “band”? Media hoaxers? Activists? Musicians? Filmmakers? Culture jammers? An inspiration for the unwashed many?

A nuisance for the corporate few? Decide for yourself in this presentation that uses films and stories to illustrate the many creative projects, hoaxes, pranks and “culture jamming” that Negativland has been doing since 1980.

Most famous for getting sued for their “U2” single, Negativland have had many years of fun being a thorn in the side of the corporate media and entertainment biz.

They've released a gazillion CDs, do occasional tours, make little movies, and were the subject of San Francisco filmmaker Craig Baldwin's 1995 feature film “SONIC OUTLAWS”.

Negativland isn't just some group of merry pranksters; its art is about tearing apart and reassembling found images to create new ones, in an attempt to make social, political and artistic statements. Hilarious and chilling.

TERÇA. 20 DE MAIO. 15h00

AUDITÓRIO 05, COMPLEXO PEDAGÓGICO

CAMPUS DA PENHA, UNIVERSIDADE DO ALGARVE, FARO

O ponto alto (ou baixo) da carreira dos Negativland aconteceu muito por culpa deste feito cáustico que os caracteriza, sendo que foram processados pelos U2 numa batalha judicial que os catapultou para a mediatização. Mas, já antes, a associação do seu trabalho *Christianism is stupid* a um massacre que ocorreu no Texas, associação essa provocada propositadamente pelos membros da banda, os tinha transformado em tema de abertura de telejornal.

Uma conferência organizada pelo Departamento de Línguas, Comunicação e Artes da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais que juntou alunos de áreas e cursos como Artes Visuais, Ciências da Comunicação, Estudos Artísticos e Design, e onde se falou, sempre com uma boa dose de humor, sobre os *media* e as limitações a que estamos sujeitos no livre acesso à arte.

Nuno Costa e Ricardo Soares, alunos do 3.º ano da Licenciatura em Ciências da Comunicação



RUI SANCHES

ACTUALIDADE Ciência e Investigação

CICCOM > CICCIMA > CIAC - Centro de Investigação em Ciências da Comunicação e Artes

A participação da Universidade do Algarve no CIAC teve de facto origem na criação anterior, em 2005, de um Centro de Investigação em Ciências da Comunicação, o CICCOM, no qual se juntaram vários investigadores da UAlg, mas com especial incidência junto dos docentes e investigadores mais directamente ligados à licenciatura da ESE em Ciências da Comunicação. As actividades do CICCOM desenvolveram-se rápida e intensivamente em torno de 2 eixos fundamentais: por um lado, a organização de seminários de investigação em áreas da comunicação e afins (jornalismo, música, cinema, televisão) com o principal objectivo de aprofundar a reflexão em torno dos projectos de investigação em curso, divulgando-os junto dos alunos de formação inicial e procurando aproximar esses alunos às actividades de investigação em geral e em comunicação em particular; por outro lado, a participação em projectos internacionais de razoável dimensão e abrangência que nos proporcionaram excelentes níveis de internacionalização, destacando-se de entre todos o projecto MEDIAPPRO (<http://www.mediapro.org/>).

Em 2007, o CICCOM tinha já crescido bastante para fora dos limites iniciais, nomeadamente no que dizia respeito à estrutura inicial dos seus laboratórios (LEF-Laboratório de Estudos Fílmicos; LRT- Laboratório de Rádio e Televisão; LEC-Laboratório de Estratégia Comunicacional), sendo cada vez mais comum a realização de seminários conjuntos com diferentes colegas, investigadores e docentes, de outros sectores da UAlg, nomeadamente dos campos dos Estudos Artísticos e



Culturais. Desse modo, tornou-se claro que seria muito mais eficaz juntar toda essa massa crítica num novo centro de carácter e objectivos mais abrangentes. Assim nasceu, em meados de 2007, o CICCIMA – Centro de Investigação em Ciências da Comunicação e Artes, que continuou, embora agora de modo mais amplo, a desenvolver a mesma estratégia de aprofundamento, divulgação e internacionalização investigacionais, tendo esta última vertente resultado na participação em mais um grande projecto de carácter internacional ainda em curso – o EUROMEDUC (<http://euromeduc.eu/>).

Face à recente fase de candidaturas à FCT para a acreditação de novos centros de investigação com carácter inovador, interdisciplinar e aglutinador de massa crítica, os membros do CICCIMA decidiram ainda em 2007 unir-se aos membros do CITECI – Centro de Investigação em Teatro e Cinema, da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, de modo a que fosse possível consolidar uma proposta de Centro com essas características. Esta iniciativa veio a consubstanciar-se no mais recente CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, sediado na Universidade do Algarve, mas com 2 pólos diferentes de trabalho interdisciplinar, um em Lisboa e outro em Faro, principalmente nas áreas do Teatro, do Cinema e das Artes Multimédia.

Embora a experiência individual e colectiva desta última iniciativa ainda esteja muito no seu início, estou plenamente convicto de que as perspectivas de desenvolvimento que se nos apresentam são mesmo muito promissoras em todas as áreas que nos dizem respeito.

Vítor Reia-Baptista

Coordenador do Núcleo de Film Studies, Visual Arts and Communication - Sources, Forms of Expression and Techniques do CIAC

CRIA traz empreendedorismo à RUA

No ar desde 11 de Abril de 2007, o programa CRIA FM, que resultou de uma parceria estabelecida entre o Centro de Inovação Regional do Algarve (CRIA) e a Rádio Universitária do Algarve (RUA 102.7 FM), tem contribuído de forma activa para a discussão em torno da inovação e empreendedorismo na região algarvia ao convidar semanalmente personalidades relevantes da região para conversar sobre este tema.

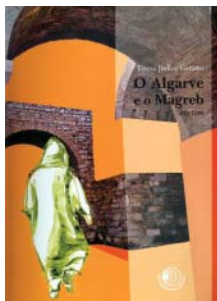
Todas as quartas-feiras, das 19h00 às 20h00 (com repetição aos sábados às 12h00), têm sido entrevistados, no âmbito do CRIA FM, empresários, políticos, empreendedores e investigadores, que são convidados a falar do seu percurso profissional, dos contributos que têm dado para desenvolvimento do empreendedorismo e da inovação no Algarve, sendo igualmente desafiados a partilhar os seus pontos de vista sobre os problemas actuais e futuros que o Algarve enfrenta neste sector.

O CRIA FM pode ouvir-se em Faro na frequência 102.7 FM, ou online através do site www.rua.pt, sendo ainda possível aceder a conteúdos do programa em formato multimédia no CRIA FM Blogue, em www.criafm.blogspot.com.

O CRIA – Centro Regional para a Inovação do Algarve é um organismo interface da UAlg que tem por objectivos gerais a promoção do empreendedorismo e das relações entre universidade e empresas, reforçando o papel da inovação e da transferência de tecnologia como factor de desenvolvimento e estímulo de um ambiente favorável à inovação na região.

ACTUALIDADE

Publicações



Título: *O Algarve e o Magreb (711-1249)*

Autor: Teresa Júdice Gamito

Editor: Universidade do Algarve

Tal como refere Jorge Baptista, editor do manuscrito, na nótula introdutória “o objectivo desta obra de Teresa Júdice Gamito é duplo: por um lado, apresentar a um público interessado mas não especialista o enquadramento histórico da presença e influência árabes no Algarve, bem como o papel da Região nas relações da Península com o Norte de África e em particular com o Magreb; por outro lado, dar a conhecer as principais descobertas arqueológicas da Autora na Região, através dos trabalhos de escavação, os respectivos materiais e os resultados científicos alcançados. Trata-se do testemunho e testamento do labor arqueológico no Algarve desta Professora e Investigadora, reconhecida internacionalmente, e que muito contribuiu, não só para a Arqueologia portuguesa, mas em particular para a Universidade do Algarve, de que foi uma das fundadoras.”

Para o editor “uma edição póstuma é, além disso, um sempre difícil exercício de equilíbrio entre o respeito pelo Autor e as circunstâncias em que este deixou o seu trabalho inédito”. Pedro Ferré, vice-reitor da UAlg, exorta: “Num tempo de incomensurável fealdade, num tempo que desvirtuou o destino da Universidade, num tempo onde a formação rigorosa é sistematicamente preterida pelo império das estatísticas, num tempo devotado em exclusividade às relações com a tecnologia e o mercado, num tempo em que os mais belos e melhores nos vão deixando, restam as memórias e as palavras que nos legaram. Não se esqueça nunca a Universidade do Algarve de honrar os seus mestres!”



Título: *Sic memorat - Estudos de Homenagem a Teresa Júdice Gamito*

Organização: João Pedro Bernardes

Editor: Universidade do Algarve

“Neste livro de homenagem à memória da professora Teresa Júdice Gamito reúnem-se vários contributos de amigos e colegas que com ela privaram e trabalharam. Muitos outros, amigos ou conhecidos, teriam gostado de verter, também neste espaço, algumas palavras; outros ainda de subscrever esta homenagem associando-se a ela de qualquer forma. Mas, esta *memoria* é tanto de uns quanto de outros; é de todos aqueles quantos se querem associar ao gesto de (co)memorar a pessoa e a profissional que marcou profundamente a academia algarvia e que foi a grande força impulsionadora das Humanidades no seu seio. Por isso, desde a primeira hora, a Reitoria da Universidade do Algarve se empenhou em realizar a homenagem merecida a alguém que forjou parte do que é hoje a Instituição; por isso, boa parte dos contributos plasmados nestas páginas são de colegas do Departamento de História, Arqueologia e Património, cuja existência se deve à sua acção pioneira; por isso ainda, este livro traduz uma homenagem a alguém que não desapareceu. *Sic Memorat* testemunha, antes de mais, que Teresa Júdice Gamito VIVEU!” (João Pedro Bernardes, *in* Nota Prévia).



Título: *Plano Regional de Inovação*

Autor: João Guerreiro, António Oliveira das Neves et al

Editor: Universidade do Algarve

O Plano Regional de Inovação do Algarve (PRIAlgarve) resulta de uma iniciativa da CCDR-Algarve, da responsabilidade técnico-científica do CRIA. A elaboração do PRIAlgarve ocorre num período particularmente oportuno para o posicionamento estratégico do Algarve enquanto território dotado de recursos e competências específicas. A nível interno, a região dispõe de um Plano Regional de Ordenamento do Território (PROTAlgarve) que atribui prioridade, em termos de orientações de ordenamento e de investimentos públicos estruturantes, às lógicas de (re)qualificação do território e de modernização dos sistemas económicos. No quadro da programação das intervenções co-financiadas pelos fundos estruturais para 2007-2013, o Algarve estabeleceu a ambição de se afirmar como uma das regiões mais desenvolvidas do País e da Europa, baseada numa economia dinâmica, diversificada e competitiva, qualificada pelo desenvolvimento sustentável e ancorada na valorização do conhecimento e da inovação. Acresce o facto do Programa Operacional do Algarve a vigorar entre 2007-2013 (Algarve 21) fornecer um quadro de condições financeiras para a concretização de objectivos estratégicos e operacionais do PRIAlgarve, reflectindo nas prioridades enunciadas um conjunto de opções fortemente centradas na inovação e na competitividade. O PRIAlgarve procura contribuir para a construção de respostas ajustadas à ambição/desígnio estratégico da região, concebendo uma estratégia para criar e consolidar um Sistema Regional de Inovação que organize e atraia recursos e competências de excelência.



Título: *O Algarve e a Transferência de Tecnologia: Estudo Preliminar para Estruturação de Iniciativas Prioritárias*
Autor: Hugo Pinto
Editor: Universidade do Algarve

O estudo, organizado em seis capítulos, procura compreender algumas das condições de partida existentes na região do Algarve para potenciar a transferência tecnológica e a capacidade de inovação. O 1.º capítulo, de carácter introdutório, apresenta a iniciativa Algarve TransferTech, a OTIC – Oficina de Transferência de Tecnologia e Conhecimento da Universidade. O 2.º capítulo, “A importância da inovação e da transferência de tecnologia”, reflecte sobre as dinâmicas regionais de desenvolvimento, o paradigma da inovação em rede e os novos papéis da universidade, bem como a relação universidade-empresa. O 3.º capítulo, “Caracterização da cooperação inter-regional no Algarve”, demonstra o papel relevante da cooperação inter-regional, identificando alguns instrumentos de promoção da investigação, inovação e empreendedorismo, em particular o Programa de Iniciativa Comunitária INTERREG III no Algarve. “Empreendedorismo no Algarve”, o 4.º capítulo, evidencia a importância da temática do empreendedorismo para a inovação regional. O capítulo 5, “O papel da Propriedade Industrial e a OTIC”, tenta demonstrar a importância do I&D regional na inovação. No 6.º capítulo, “Iniciativas prioritárias para a consolidação da Relação Universidade-Empresa no Algarve”, aprofunda-se a estruturação de duas iniciativas importantes para o Algarve: a organização de um “Fórum Regional de Inovação” e a realização de uma Pós-graduação em Gestão da Inovação e Empreendedorismo de Base Tecnológica.



Título: *Redes de Investigação: A Relação da Universidade do Algarve com Organismos Nacionais, Europeus e Internacionais*
Autor: Ana Rita Cruz
Editor: Universidade do Algarve

Este estudo centra-se na importância das redes no contexto actual, sublinhando os vários benefícios que os organismos que a estas pertencem podem usufruir, desde a maior difusão de informação, passando pela partilha de recursos e boas práticas, a aprendizagem inter-organizacional, até ao acesso a activos especializados. No caso particular da investigação científica, as redes assumem um papel muito relevante. O caso das universidades é paradigmático porque estas beneficiam enormemente das trocas que acontecem com outros elementos com os quais estabelecem relações de cooperação mais duradouras, o que também reforça o seu papel de promoção do desenvolvimento regional. Os resultados do estudo permitem compreender que a Universidade do Algarve possui já um leque de relações estabelecidas em vários países, com destaque para a Espanha e para o Reino Unido. O domínio científico das Ciências Naturais é o mais representado nos 296 projectos analisados. O CCMAR assume-se como unidade orgânica da UAlg com maior volume de projectos. O papel do CRIA é reforçado com os resultados deste estudo uma vez que as colaborações da UAlg com o tecido empresarial assumem ainda um peso residual e necessitam de ser incentivadas, a grande maioria dos parceiros é composta por outras entidades do Ensino Superior.



Título: *Catálogo de Competências e Serviços dos Laboratórios e Centros I&D da Universidade do Algarve*
Autor: Alexandra Marques
Editor: Universidade do Algarve

O catálogo com o leque de serviços prestados pelos laboratórios e centros de investigação da UAlg foi elaborado ao longo de 12 meses, através de um levantamento exaustivo sobre a capacidade analítica e de prestação de serviços de cada laboratório e/ou centro I&D, nas mais diversas vertentes, desde as ciências naturais, tecnológicas, económicas, humanas, às ciências da saúde. O questionário permitiu recolher informação sobre a área específica de investigação, a composição das equipas de investigação, os serviços e técnicas desenvolvidos em cada laboratório e/ou centro I&D, os serviços passíveis de serem prestados à comunidade, o tipo de clientes para quem já prestam serviços (dentro ou fora da UAlg) e também as necessidades e dificuldades sentidas no desenvolvimento da investigação na UAlg. Inserido no âmbito do Projecto TRANSInov – INTERREG III A, o catálogo é o resultado de uma iniciativa que pretendeu contribuir para a análise e caracterização do parque laboratorial actual e será uma ferramenta útil e prática para mostrar o conjunto de serviços que a Universidade do Algarve oferece aos investigadores e à comunidade em geral, permitindo ainda verificar os serviços por área científica ou tecnológica e obter informação sobre onde e a quem recorrer para solicitar o serviço pretendido.

INTERACÇÃO COM A COMUNIDADE

Filmes animados realizados por crianças: motivação, literacia e criatividade na sala de aula.



Marina Estela Graça

COORDENADORA DO GRUPO DISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA
DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

O corrente modelo de ensino não é motivador para muitas crianças que até sabemos serem criativas e que, por isso mesmo, poderiam vir a ser profissionais valiosos. Algumas destas crianças abandonam a escola ou permanecem alunos problemáticos. A exclusão escolar conduz à exclusão social: as crianças que abandonam a escola ou que não vêm as suas capacidades detectadas e desenvolvidas tornam-se adultos impreparados e pouco inclinados à participação social e laboral activas.

A realização de projectos de ensino com recurso a técnicas de imagem animada cria condições para o desenvolvimento da criatividade e da literacia (não apenas audiovisual) na expectativa da sociedade altamente mediatizada que se avizinha¹ e no sentido das recomendações e objectivos europeus². Permite um processo pedagógico simultaneamente concreto, inclusivo e apoiado, no universo digital e com alunos individualmente distintos.

O projecto de filme pertence àqueles que o realizam. As dificuldades por que passam são suas, tal como as soluções que encontram. As aprendizagens vão-se construindo a partir das estratégias e respostas que advêm da sua determinação no projecto. Pelo meio, aprendem a questionar; a improvisar ferramentas, processos e materiais; a identificar relações entre conceitos e procedimentos aprendidos e a aplicá-los convenientemente, reforçando interdisciplinaridades e transdisciplinaridades. Aprendem a aprender.

Para realizar filmes animados são necessários equipamentos de processamento, registo e reprodução gráficos, fotográficos e videográficos.

Podemos, por exemplo, fazer um desenho e digitalizá-lo com um *scanner*; ou 'capturá-lo' com uma câmara vídeo associada a um computador; ou, finalmente, fazê-lo usando uma aplicação informática e uma *interface* (o teclado, o 'rato' ou uma mesa digitalizadora) adequada.

Por vezes, é mais interessante trabalhar com materiais que podemos manipular: barro, recortes de papel,

objectos, ou o nosso próprio corpo. Nestes casos, podemos usar uma máquina fotográfica ou uma câmara vídeo (associada a um computador), apoiada num tripé. Precisamos, igualmente, de iluminação. A escolha técnica depende da questão inicial que deu origem ao projecto.

Um filme é uma sequência de fotogramas que aparenta movimento. A realização de um filme animado parte da concepção de fotograma enquanto unidade mínima, material, individualizada e manipulável da composição sequencial. Cada segundo de uma projecção vídeo normal (europeia) é composto por 25 fotogramas.

Na base da ilusão de movimento animado está o modo como o animador manipula a diferença entre fotogramas. É a relação de diferença/semelhança gráfica entre cada duas imagens que, na sucessão regular e rápida destas no ecrã, produz a impressão de movimento no sistema de percepção visual do espectador.

Actualmente já não é comum usar película. É mais fácil e barato usar programas informáticos, alguns instalados de origem em todos os computadores.

Para vermos o filme basta converter a sequência de fotogramas num formato que possa ser lido pelo computador, pelo leitor de dvds ou pelo telemóvel. Podemos, finalmente, mostrá-lo a uma audiência ligando o computador ou o leitor de dvds a um projector vídeo ou descarregando-o na internet.

Um projecto de filme tem origem numa questão inicial, a partir da qual o grupo de crianças deverá estruturar ideias e tarefas.



Imagem do filme intitulado *Tartaruga, Leão, Sereia, Girassol*, resultante de uma experiência desenvolvida com uma classe de crianças no 1.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico (c. 6 anos de idade), na Escola do Alto de Rodes, Faro, em Outubro de 2006, sob a coordenação da autora e com o apoio da professora Maria José Ramalho e de Inês Mendes, aluna da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve (Projecto de investigação “Teaching with Animation” que resultou na produção do Guia acessível em <www.animwork.dk/twa>, brevemente em versão portuguesa em <www.esse.ualg.pt/ecria>).

Primeiro, deve aprender-se a compor movimento. A construção da ilusão de movimento tem origem não apenas na observação do movimento dos seres e das coisas ou do nosso corpo no mundo, mas, igualmente, no modo como ele é sentido. Trata-se sempre (e em todo o processo) de construir um conhecimento complexo, simultaneamente científico, artístico e tecnológico: o desenvolvimento integrado de uma consciência e de uma sensibilidade críticas assim como o conhecimento das linguagens (signos visuais e respectiva articulação) e tecnologias que suportam o processo de discurso.

Sabendo compor movimento e usar os equipamentos, será possível escolher entre contar histórias ou, simplesmente, coreografar processos de transformação.

Em seguida, a turma será organizada em grupos e o processo de produção em fases. Estas são as mesmas que a indústria usa: pré-produção; produção; pós-produção.

Na organização dos grupos, a imagem animada permite ter em conta as sensibilidades, estilos de aprendizagem e idiossincrasias de cada criança. As tarefas são diferenciadas e cada um poderá desenvolvê-las a partir das suas próprias capacidades iniciais. Até mesmo trabalhar individualmente. De forma natural, cada criança verá o seu esforço conjugado no resultado final: o processo é instaurador de cumplicidades, de relações de afecto.

Na fase de pré-produção, são desenvolvidos conceitos em função da ideia inicial. Ao mesmo tempo, é fundada a gramática do projecto: personagens, acções e lugares; cores, luzes, figurinos, diálogos, espaços e ritmos. Conjuga-se tudo num pequeno texto, a sinopse, que é depois desenvolvida em argumento e em guião gráfico (*storyboard*): a sequência de planos desenhados e enquadrados segundo a informação que se quer comunicar, à qual se juntam notas sobre movimentos de câmara, movimentos dos personagens e sons. O resultado parece banda desenhada. Após rectificação, o *storyboard* será transformado em guião fílmico (*animatic*). Este é o rascunho do filme: é uma sequência de planos ainda fixos, na duração planeada, com sons que podem ser simulados com a voz, usando o microfone da câmara vídeo ou do computador: diálogos, efeitos, ambiente sonoro e, eventualmente, música. O *animatic* permite verificar se o que queremos contar é compreensível e ter uma ideia da duração e ritmo do filme.

A seguir, na fase de produção, cada equipa deve executar graficamente e animar cada um dos planos. É um trabalho lento. Primeiro, os movimentos são analisados em função do significado e articulação na acção específica e na narrativa geral e, depois, segundo a respectiva trajectória e duração. Num projecto mais documental, constroem-se modelos analíticos e processuais que

permitem representar a realidade (não apenas visual). As crianças aprendem a investigar mas, também, a encenar: teatro articulado com ciências; com muitos, muitos gestos de corpo e gargalhadas à mistura (mimamos para compreender). Devagarinho, cada movimento é desmontado em imagens e cada imagem é registada pela câmara (ou processada pelo computador). A sequência vai sendo visionada pelo grupo à medida que aumenta: o filme cresce e a motivação também. Os sons podem realizar-se em simultâneo: é mais fácil animar sobre sons. O efeito de sincronia obtido quando os ‘bonecos’ se movem ou falam de acordo com o som é mágico e produz uma ligação afectiva fundamental no grupo de crianças.

Finalmente, na pós-produção, associamos os planos animados na justa sequência, de acordo com o *animatic*. Juntamos todas as sequências e sons, um título e os créditos, visionamos e corrigimos.

Podemos, enfim, converter o nosso filme em formato DVD de modo a mostrá-lo à escola toda, à família ou propô-lo a um dos muitos festivais com categorias para filmes escolares.

¹ *Networked Media of the future*, European Communities, Outubro de 2007, Bruxelas.

² Recomendação 2006/962/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 18 de Dezembro de 2006, sobre as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida (2006/962/CE), JO L 394 de 30.12.2006.

Curso de Design de Comunicação “cria sorrisos” no Hospital Central de Faro

Na sequência de um projecto existente entre o curso de Design de Comunicação da Universidade do Algarve e o Hospital Central de Faro – Serviço de Pediatria, que pressupunha a requalificação e humanização do Serviço de Urgência de Pediatria, os alunos de Design foram convidados a intervir em vários outros espaços.

Intitulado “Geramos Sorrisos”, este projecto desenvolvido pelo Curso de Design de Comunicação é um exemplo de como a comunidade académica se correlaciona com a região. A nova sala de espera da Unidade de Grávidas e do Serviço de Urgência de Obstetrícia e Ginecologia do Hospital Central de Faro já inaugurou, contando agora com um espaço renovado. O projecto desenvolvido pela UAlg pretende criar um ambiente que transmita estabilidade emocional e psíquica ao utente e ao acompanhante, transmitindo, assim, harmonia a quem permanece no espaço.

“Para além de transmitir sensações, pretendeu-se, principalmente, comunicar. Este projecto foi desenvolvido sempre com a preocupação de sensibilizar não só as mães mas também todos aqueles que passam por este espaço. Valoriza-se o natural, mas muito importante, que é acto de amamentar”, explica Luís Barata, autor do projecto. “Foi criado um percurso composto por vários temas interligados, todos com um aspecto gráfico bastante simples, o que proporciona um ambiente bastante acolhedor aos pais”, revela o designer que se debruçou sobre a nova sala de espera da Unidade de Grávidas e do Serviço de Urgência de Obstetrícia e Ginecologia.

Para Maria Caeiro, directora do curso de Design de Comunicação e professora da disciplina de Projecto I, de onde foram seleccionadas as propostas, “o principal objectivo do projecto era criar um leque de propostas criativas e inovadoras”. A preparação da proposta envolveu, para a docente, muito trabalho: “para que estas fossem viáveis, de acordo com o público-alvo, na fase inicial do

projecto foram feitos alguns inquéritos aos diversos tipos de públicos que usufruem do espaço (médico, enfermeiro, utente e administrativo). Além da vasta pesquisa sobre materiais diversos a utilizar na área dos espaços (cor, impressão gráfica das ideias....), foi-nos ainda pedido um estudo sobre a aplicação do slogan “Geramos Sorrisos” num local visível do serviço. Após vários estudos, optou-se pela porta de acesso ao serviço”, concretiza.

Esta é apenas a intervenção inicial do projecto que vai beneficiar toda a área destinada às grávidas, nomeadamente: 4 salas de partos, 1 sala de observação, 1 sala de recobro, todos os corredores de acesso e 4 enfermarias da Unidade de Grávidas.

adequados ao ambiente pediátrico, daí termos lançado, no início do ano lectivo 2006/2007, um desafio/convite aos docentes e alunos do curso para realizarem um projecto que marcassem a diferença na decoração e embelezamento deste espaço”. Apontando ainda o grande entusiasmo dos alunos, Ana Paula Gonçalves considera que “o resultado foi espantoso pois chegaram-nos à mão várias propostas de grande qualidade criativa, pelo que decidimos, em conjunto com os responsáveis do curso, estendê-las ao Serviço de Urgência de Obstetrícia/Ginecologia, permitindo toda a humanização das salas de parto, da sala de recobro (pós-parto), dos corredores e também da sala de espera, esta última já inaugurada.”



“Criações muito atractivas do ponto de vista da imagem e de uma nova filosofia de humanização...”

Para Ana Paula Gonçalves, presidente do Conselho de Administração do Hospital Central de Faro esta parceria é importante, pois agrega duas das maiores instituições da região num projecto comum. “Pensamos que é extremamente gratificante para os alunos e seus docentes poderem materializar a sua capacidade criativa em projectos de serviço público e que servem a comunidade”, salienta.

Por se tratar de uma intervenção numa área que acolhe crianças, a presidente do Conselho de Administração realça, “os espaços devem ser mais humanizados e

Ainda em relação às propostas apresentadas, a presidente do Conselho de Administração do Hospital Central de Faro classifica-as como “criações muito atractivas do ponto de vista da imagem e de uma nova filosofia de humanização e acolhimento que estamos a tentar implementar nas áreas pediátricas. A qualidade das propostas apresentadas e os elogios dos utentes (...) fizeram-nos repensar a importância e influência positiva que a imagem tem nos espaços. Foi por isso que decidimos alargar o âmbito decorativo do projecto, adaptado inicialmente aos espaços definidos, e lhe conferimos uma perspectiva mais abrangente, que assenta não só na preocupação com o embelezamento das salas e corredores, mas também numa nova filosofia de humanização à qual decidimos chamar “Geramos Sorrisos”.

Grupo de Teatro A PESTE apresenta-se no Algarve

Espectáculos no CAPA- Centro de Artes Performativas do Algarve e no Museu Municipal de Faro marcaram a estreia d'A PESTE no mês de Abril de 2008. O colectivo, que se assumiu desde a sua fundação como grupo de teatro amador, apresentou com *A Páscoa* o resultado do primeiro ano de trabalho.

Constituída como Associação de Pesquisa Cultural no dia 1 de Junho de 2007, A PESTE surgiu num contexto académico, mais especificamente nas aulas de Oficina do Teatro e Música no Teatro, dirigidas por Manuela de Freitas e José Mário Branco, respectivamente, do Mestrado em Teatro e Educação, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

Márcio Guerra, Rui Andrade e Sónia Esteves juntaram-se ao director do curso, António Branco, com o objectivo de concretizar, experimentar e aprofundar a matéria dada. Os fundadores do grupo contam que, ao longo do ano lectivo de 2005/2006, “foram sendo confrontados com uma concepção de teatro e da criação artística cuja exigência vinha ao encontro das suas inquietações individuais. Por isso, decidiram prolongar essa experiência juntando-se, semanalmente, para fazer pesquisa teatral”.

Para os elementos d'A PESTE, o carácter amador e experimentalista “não os deve eximir da responsabilidade artística inerente à convocação do público a uma sala de espectáculos. Por isso, escolhem uma perspectiva estética, ética e técnica inspirada, entre outros, em Constantin Stanislavski, Bertolt Brecht, Antonin Artaud, Fernando Amado, Jerzy Grotowski, Peter Brook e Adolfo Gutkin”. O grupo conta com Manuela de Freitas e José Mário Branco como conselheiros artísticos.

A PESTE tem actualmente no seu elenco Ana Paleta, António Branco, Fernando Cabral, Fúlvia Almeida, Inês Porfírio, Jorge Carvalho, Márcio Guerra, Rui Andrade e Sónia Esteves.

Jazz e música erudita na Semana Aberta da UAlg

A edição da Semana Aberta 2008, realizada este ano em Abril, ofereceu a cerca de 2500 participantes visitas às faculdades e escolas superiores, actividades experimentais, exposições, tertúlias, conferências, palestras, mostras de desporto e espectáculos musicais, entre muitas outras actividades.

Iniciativa que tem vindo a consolidar-se, de ano para ano, como ponto alto nos contactos entre a Universidade do Algarve e a comunidade envolvente, a Semana Aberta 2008 iniciou-se com um concerto intitulado *A fusão dos sons*, no Grande Auditório do *Campus* de Gambelas.

A banda de jazz Home Silver's Jazz Band, que conta com professores e alunos da Universidade do Algarve na sua composição, juntou-se à pianista Raquel Correia, especializada em música clássica romântica e docente da UAlg, a Luís Filipe, na voz, e ainda ao jovem grupo 1415. Como o nome indica, todo o espectáculo foi direccionado para uma mistura de estilos, no qual alguns participantes improvisaram em estilos musicais com os quais não estavam familiarizados. Alunos de Línguas e Comunicação e Estudos Artísticos inscritos na disciplina de Introdução à Música, leccionada pela Prof.^a Raquel Correia, tiveram a oportunidade de assistir ao ensaio do grupo de jazz,

no dia anterior ao espectáculo, na Associação Filarmónica de Faro.

Os Home Silver's Jazz Band nasceram de um projecto de professores e alunos da Universidade do Algarve. Apesar de os membros não encararem a banda como um projecto a longo prazo, são já várias as actuações realizadas. Quanto ao estilo musical, a banda afirma que gosta de “arriscar” em ritmos latinos incorporando-os no jazz.

Pelo facto de os membros fazerem parte da comunidade académica e por desde sempre terem tido dificuldade em desenvolver o seu projecto no seio da Universidade, lamentaram a ainda actual precariedade de infra-estruturas e apoios desta que levam a um difícil fomento deste tipo de iniciativas.

Os alunos pensam que o ideal seria que se criasse, no seio universitário, um centro de interacção com a cultura, apropriado não só para a arte da música (com instrumentos, e materiais próprios de expressão musical), mas também para o cinema (com salas de visualização), teatro (salas de expressão dramática), literatura e pintura. Fica a dica.

Eliana Braz, João Reis, Neuza Guerreiro, Raquel Barbosa, Sara Costa & Tina Roose (curso de Línguas e Comunicação).

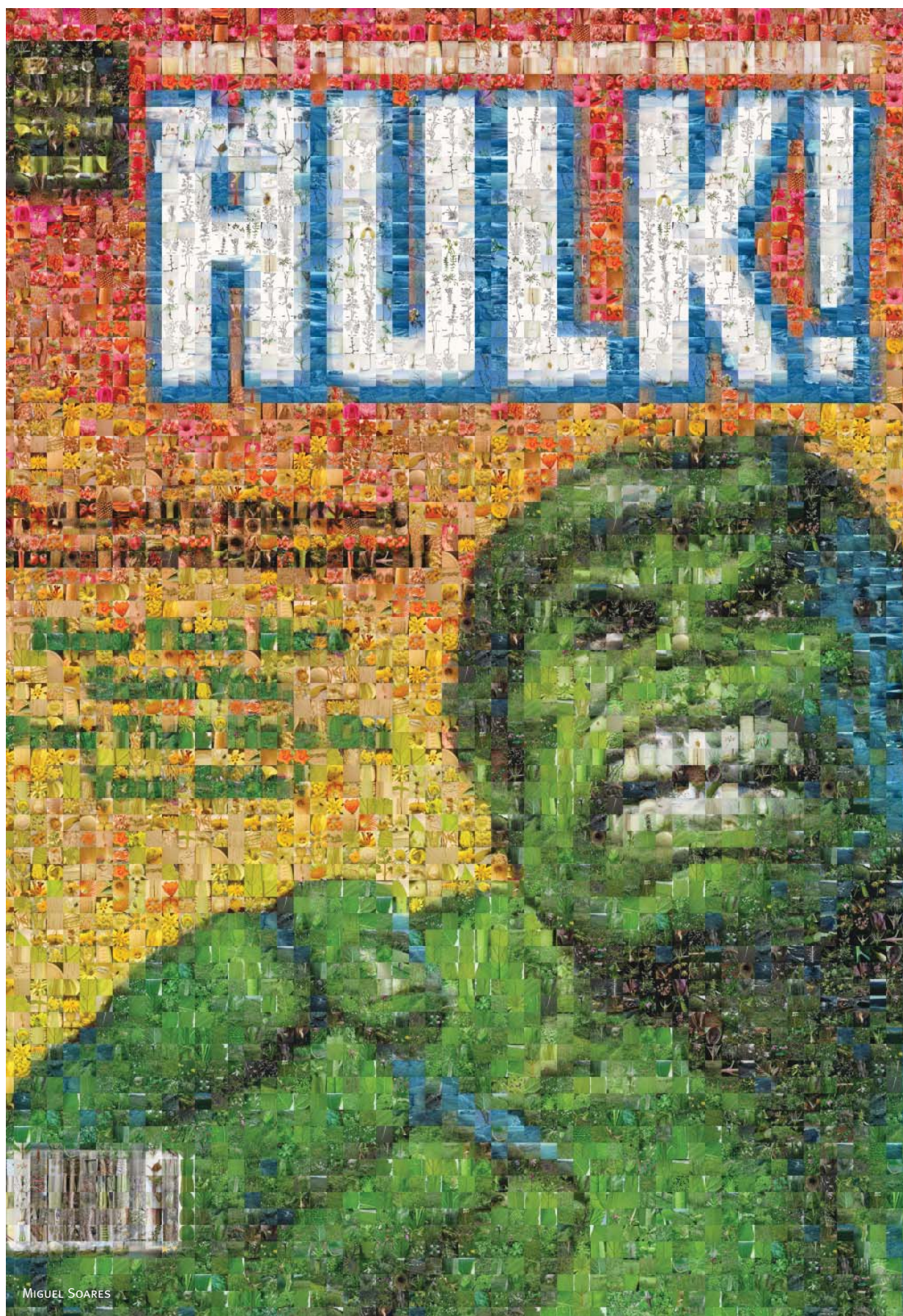
15 Anos do Curso de Design de Comunicação

Profissionais, docentes e antigos e actuais alunos de Design de Comunicação juntaram-se nas comemorações do 15.º aniversário do curso da UAlg, em Maio, no Teatro Lethes, em Faro. Design editorial, banda desenhada e animação foram alguns dos temas tratados, num programa que incluiu palestras e mostras de projectos.

Mostrar o trabalho desenvolvido pelos vários docentes e alunos do curso durante os seus 15 anos de existência foi, para os organizadores, o principal objectivo da iniciativa, que se assumiu também como oportunidade

para o encontro de todos aqueles que partilham interesses na mesma área profissional e de estudo.

Em ocasião propícia a balanços, os painéis apresentados traçaram igualmente perspectivas de futuro: “novos projectos; o actual plano de estudos; a ligação do curso ao meio empresarial e às novas tecnologias; o desenvolvimento de novas áreas de estudo; a integração do curso na região algarvia e na cidade de Faro e a importância do Design em geral, e do Design de Comunicação, em particular, nas dinâmicas económicas, sociais e culturais.”



MIGUEL SOARES

ALGARVE: NO CENTRO E NA PERIFERIA



João Pinharanda*

CRÍTICO DE ARTE

Consideremos a arte fora dos grandes centros, não nas suas expressões regionais, mas através de exemplos que replicam ou contestam, na periferia, os valores centralistas (centralizadores) do sistema da arte contemporânea.

Trata-se de mapear casos exemplares que, por vezes, criam, nessas margens geográficas, obras que irão alimentar o sistema, ou, nos casos mais interessantes, obras que representam momentos-chave de contestação do sistema – ainda que nele acabem por ser integradas, em virtude da força omnívora da crítica, do mercado e dos museus centrais, e muitas vezes em esquecimento do lugar e das circunstâncias marginais e/ou contestatórias em que foram produzidas...

Assim considerado, como periferia criadora, o Algarve teve, ou acolheu, desde há muito, protagonistas centrais, iniciativas fulcrais, obras de decisiva vocação desestabilizadora. Teixeira Gomes ou Sophia atravessam o século passado estabelecendo, na literatura, paradigmas que colocam o Algarve como sujeito central de uma vocação de memória universal, procurada no modo como a sua paisagem rememora o mediterrâneo grego ou como a sensualidade das suas gentes construía uma versão actualizável do corpo pagão.

E nas artes? As obras do prolongado naturalismo português ou dos nossos primeiros e incertos modernismos (Bernardo Marques, por exemplo, que fez o seu melhor na paisagem urbana de Berlim ou de Lisboa) parecem não ter força capaz de importar a este ensaio. Apenas nos interessa considerar o final dos anos 50 e a década seguinte.

Os hábitos de veraneio dos portugueses tiveram algo a ver com a peregrinação estival que revelou as melhores praias do país, quer à nascente massificação turística, quer a mentes mais sensíveis. A chegada e estabelecimento intermitente, e depois permanente, de João Cutileiro em Lagos, a chegada e estabelecimento de Joaquim Bravo e Álvaro Lapa, as passagens de António Palolo, entre 1964 e 1973 (tempo em que todos coincidiram, e ainda com Sophia), fazem-nos datar desta cidade algumas das obras centrais

da contemporaneidade portuguesa: o trabalho mecanizado da pedra, a exibição da sensualidade ou o cúmulo irónico do Rei D. Sebastião, em Cutileiro; as séries e os temas decisivos das “moradas” ou das “profecias”, em Lapa; as séries obsessivas de desenhos e os objectos desconcertantes de Bravo são exemplo de algumas das páginas definidoras da arte portuguesa dos anos 60 e 70 realizadas no Algarve, porém, mostradas e reconhecidas em Lisboa, nessas ou nas décadas seguintes.

Há deserções, hiatos e regressos nesta história. Saídos Lapa e Cutileiro, chegaram Cabrita Reis ou Xana que, ao longo dos anos de 1980, estabeleceram amizade com Bravo, passando ou ficando na cidade até hoje, aprendendo com ele uma energia, ao mesmo tempo generosa e ferozmente individualista, solar e negra, positiva e irónica.

Já na década anterior e na de 80 do século passado outros artistas iam regressando ou estabelecendo-se noutras zonas, entre Tavira e Faro: Manuel Baptista e René Bertholo em permanência, Jorge Martins e Costa Pinheiro, intermitentemente, chegaram a apresentar-se, sem programa uno, mas como grupo de amigos, como “pintores do Levante”.

A massa criativa foi acrescentada no presente século com a presença regular de Rui Sanches e Miguel Soares, professores convidados da Universidade do Algarve na Licenciatura em Artes Visuais.

A resolução desta dinâmica criativa em estruturas de difusão foi evidentemente mais tardia – mas também o foi no país central... Museus, centros de arte, galerias e escolas tardaram em acertar o discurso contemporâneo ou não o iniciaram sequer: as rotundas continuam a encher-se de obras medíocres (Lagos é quase uma excepção), Faro espera ainda o seu Museu de Arte Contemporânea, o Centro Cultural de Lagos (direcção na área de exposições de Alexandre Barata) estabilizou finalmente a programação mas as Galerias Municipais Trem e Arco (direcção de Manuel Baptista), em Faro, têm vidas interrompidas e acidentadas, o Palácio da Galeria em Tavira, com programação regular, necessita criar públicos, a Galeria de Almancil, ou experiências pioneiras em Lagos (Castelo 66), em Faro (Art'adentro) ou Tavira (Casa das Artes) sucumbem ou vivem com dificuldades várias incapazes de criar mercado sustentado público generalista, e o resto tem a dimensão culturalmente ineficaz dos lobby de hotel... Programas de descentralização do Estado são interrompidos pouco depois de se iniciarem (Rotas - IAC) ou nem se iniciam (Tavira); projectos autónomos de autarquias (segundo estafados modelos, como o da Bienal, por exemplo a Bienal de Lagos nos primeiros anos da década de 1980) ou irrupções pontuais de artistas que tropeçam em dificuldades de financiamento (Ramaia, em Vila do Bispo) são inoperantes; projectos

comerciais relacionados com outras disciplinas (os Festivais de Sagres de 1987 e 1989 associaram alguma das primeiras manifestações nacionais de arte pública à música) foram também interrompidos, e projectos públicos de museus e colecções de arte falharam (CAMA, na galeria da ANJE, em Faro). Talvez a recente introdução do ensino superior das artes visuais possa vir a criar outras condições de recepção e produção locais, mas só tem três anos...

Sobre toda esta rede de dificuldades se instalou agora (desde 2006) uma mega-iniciativa cultural financiada pelo Ministério da Economia, o ALLGARVE, propondo-se dinamizar um terreno inseguro, pela falta de “raízes” fixadoras, tão instável como as arribas litorais, com uma sucessão de eventos estivais, dispersos por todo o território e por todas as disciplinas da criação artística, numa lógica que associa a cultura, e algumas manifestações minoritárias das artes visuais, à promoção turística. Num Algarve que oscila entre o mais alto *standart* social, do golfe e dos restaurantes de luxo, e a classe C – um programa cultural de síntese é quase impossível e, para ser eficaz, não deve esquecer a população residente e escolar a quem só interessará uma acção cultural continuada, persistente, lenta e profunda, realizada num tempo que vença a velocidade publicitária do Verão, estabelecida em rede com o resto do país, o central e o das restantes periferias.

* Nascido em Moçambique em 1957, João Pinharanda é mestre em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa. Nos últimos anos tem desenvolvido trabalho como editor de artes plásticas do Público (1990-2000), professor auxiliar do Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa, consultor da Fundação EDP para as artes, director de programação do Museu de Arte Contemporânea de Elvas, autor de numerosos estudos sobre história da arte portuguesa nos séculos XIX a XXI e comissário de inúmeras exposições individuais e colectivas.

E DEPOIS DA UNIVERSIDADE?



Vasco Vidigal*

DIRECTOR DA ARTADENTRO

Quando fui convidado a colaborar com um texto para a Revista Ualgzine da Universidade do Algarve, numa edição dedicada às Artes Visuais, pareceu-me óbvio escrever algo sobre o ensino artístico nesta região. Devo começar por esclarecer que entendi ser a condição de agente cultural exterior à instituição universitária o que torna a minha colaboração suficientemente interessante para motivar tal convite. Será, pois, como dinamizador da Artadentro — projecto que no mês de Setembro completou cinco anos de divulgação e promoção da arte contemporânea em Faro — que procurarei dar conta da minha experiência enquanto observador interessado nestas questões; será uma visão, portanto, de alguém envolvido diariamente nas diversas facetas do panorama cultural algarvio, centrada nos problemas que afectam a produção plástica a nível local.

Por um lado, a Artadentro, operando no Algarve, sempre considerou importante apresentar anualmente autores algarvios ou aqui residentes; por outro, ao manter desde início uma programação sistemática de exposições, tem sido frequentemente contactada por pessoas, muitas das quais desenvolvendo actividade no Algarve, que se propõem realizar mostras das suas obras. Se a esmagadora maioria dos casos apresenta obras de pouca qualidade, ainda que tendo beneficiado de formação académica, alguns há que patenteiam uma clara vocação, apresentando obras com características únicas, fruto de uma actividade diária e perseverante, ao longo de anos. É nestes últimos que se percebe claramente que a distância entre o que apresentam e uma obra em condições de ser exibida publicamente pode ser medida pelo grau de carência de preparação formal.

Tentando compreender este problema, levantando as possibilidades existentes, constatámos que até há pouco não havia no Algarve qualquer instituição onde fosse possível obter uma formação consistente, estando os interessados obrigados a recorrer a *ateliers* dinamizados por “artistas” locais ou a *workshops* realizados, pontualmente, por instituições de vária ordem. Esta situação na aprendizagem, com excepção da música, afecta em geral todas as áreas artísticas.

Muitos foram os algarvios que revelaram aptidões para as artes visuais ao frequentarem o ensino secundário, nomeadamente na cidade de Faro, na Escola Secundária Tomás Cabreira. Estas vocações, até há pouco, querendo prosseguir os estudos, tinham de deixar o Algarve e rumar a Lisboa, ao Porto ou ao estrangeiro, por lá se fixando e apenas regressando ao Algarve a gozo de férias ou de visita a familiares. Os que assim não procediam, confinados a um ambiente culturalmente periférico, estagnado em conceitos há muito ultrapassados e avesso à contemporaneidade, ou desistiam da sua vocação, ou adaptavam-se ao “gosto” regional, lisonjeando a clientela e integrando-se no respectivo circuito comercial, assim contribuindo, involuntária e inconscientemente, para uma progressiva e sistemática deseducação do público e para o empobrecimento do tecido cultural algarvio.

Foi neste contexto que a Universidade do Algarve teve a feliz iniciativa de criar o curso de Artes Visuais, possibilitando, a nível regional, um novo patamar de formação em Artes Plásticas. Agora, passados três anos, o trabalho entretanto desenvolvido adquire maior visibilidade com a atribuição das primeiras licenciaturas. No entanto, este progresso nas possibilidades de formação não é ainda suficiente. De facto, três anos de aprendizagem, mesmo se de nível superior, não bastam para adquirir as competências necessárias ao

desenvolvimento de uma vocação e/ou de uma carreira artística, e muitos dos agora licenciados deverão prosseguir os estudos noutras regiões sendo, no actual contexto, muito incerto o seu regresso ao Algarve. Naturalmente, a Universidade do Algarve, conhecedora desta realidade, a seu tempo criará no seu seio as condições ao prosseguimento da aprendizagem. No entanto, mesmo assim, colocar-se-ão novas dificuldades a que a instituição, só por si, não terá a possibilidade (nem a responsabilidade) de responder.

É bem sabido que não existe no mundo uma única instituição de ensino que forme artistas. O processo de reconhecimento de uma obra faz-se sobretudo fora da instituição universitária; no início, tal reconhecimento passa pelos colegas, depois, pelos especialistas vocacionados para a revelação de “novos talentos”, mais tarde, à medida que a obra se vai afirmando e confirmando, passa pela atenção ganha junto dos sectores influentes da crítica especializada e das instituições de maior importância, dos coleccionadores mais relevantes e do público em geral, sendo o trabalho reconhecido como ‘obra de arte’ e o autor como artista. Este processo é, naturalmente, sancionado (assim como constantemente revisto) *a posteriori* pelo distanciamento crítico que só a História permite.

Claramente que os primeiros anos, após concluída a formação académica, são cruciais. É nesta altura que os

mais promissores se confirmam ou não e que outros, muitas vezes até aí mais discretos, surgem com propostas surpreendentemente interessantes. É nesta fase que se definem as direcções e estratégias a prosseguir ou que ganham solidez os percursos iniciados. É nesta fase, portanto, quando a universidade já de pouco pode valer, que mais se fará sentir a necessidade de estruturas capazes de apoiar/promover os potenciais novos autores.

A nível regional, esta tarefa está em grande medida dependente da vontade e empenho das autarquias. São estas instituições que detêm os meios materiais necessários para a promoção de planos de desenvolvimento cultural nos respectivos concelhos e a responsabilidade de os concretizar a favor de toda a população. Isoladamente ou em conjunto, as Câmaras Municipais do Algarve têm a obrigação política de secundarem o trabalho desenvolvido pela sua Universidade, dando-lhe sequência através do apoio à criação, nomeadamente fomentando estruturas com essa vocação, construindo assim as condições para a fixação (mas também para a atracção) de autores a esta região.

Chegar aqui é uma tarefa difícil que implica mudança de mentalidades e estratégias. Não podem as autarquias, como geralmente têm procedido — numa tendência que parece reforçar-se actualmente —, encarar este desafio como algo de curto prazo, muito menos numa lógica de puro entretenimento social e animação turística, ou numa perspectiva

puramente economicista, preocupada com a obtenção de dividendos mais ou menos imediatos em numerário ou em votos. De facto, porque legitimamente preocupadas com o desenvolvimento económico dos municípios, as autarquias devem ter enorme cuidado na aplicação dos recursos existentes, devendo aplicá-los prioritariamente na produção cultural local em vez de os esgotarem na importação de nomes ou eventos prêt-à-porter que, na prática, subsidiam a produção exterior à região, enquanto o tecido cultural local empobrece esquecido e negligenciado.

Do meu ponto de vista, pois, não sendo invertido, este panorama terá como consequência inevitável que os esforços dedicados à formação artística pela Universidade do Algarve não se virão a traduzir, como deveria e seria de esperar, num real e progressivo enriquecimento cultural da nossa região.

*** Vasco Vidigal nasceu em Lisboa em 1958. Possui o curso de Iniciação às Artes Plásticas, da Sociedade Nacional de Belas Artes, e o Curso Avançado de Artes Plásticas e o Curso de Pintura, ambos do Ar.Co. Desde 2002 desenvolve o projecto farenses Artadentro. Nos últimos anos tem comissariado várias exposições, naquele e noutros espaços culturais, como a Galeria Trem, também em Faro. Como artista, tem apresentado vários trabalhos. O último deles, “Artistas a Sul”, data de 2008.**



UAlg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

LICENCIATURAS LICENCIATURAS LICENCIATURAS LICENCIATURAS LICENCIATURAS
PÓS-GRADUAÇÕES PÓS-GRADUAÇÕES PÓS-GRADUAÇÕES PÓS-GRADUAÇÕES PÓS-GRADUAÇÕES
MESTRADOS MESTRADOS MESTRADOS MESTRADOS MESTRADOS
DOUTORAMENTOS DOUTORAMENTOS DOUTORAMENTOS DOUTORAMENTOS DOUTORAMENTOS
CENTROS DE INVESTIGAÇÃO CENTROS DE INVESTIGAÇÃO CENTROS DE INVESTIGAÇÃO

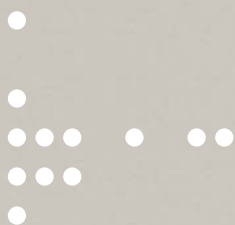
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ESTUDAR | EXPERIMENTAR | DESENVOLVER

Os cursos e a academia em

www.ualg.pt





E-mail: UALGzine@ualg.pt
<http://publicacoes.ualg.pt/UALGzine>

